

## INTERNACIONAL

Mandela reconheceu ter sido mal aconselhado quanto a Winnie

# Perigosos sinais do futuro

PÚBLICO, 14.4.95

Jorge Heitor

O rocambolesco episódio da recondução de Winnie no lugar de que fora afastada já não é o primeiro passo em falso do Presidente Nelson Mandela, que tem 76 anos e passou mais de um terço da sua vida isolado da prática política quotidiana. Perigosos sinais para um fim de século que muitos sul-africanos gostariam que fosse de maior tranquilidade.



Mandela durante a escala de ontem em Nairobi, quando procurava minimizar perante os jornalistas o "caso Winnie"

Nelson Mandela voltou ontem a casa, depois de uma viagem aos países do Golfo Pérsico-Arábico, e teve a dolorosa tarefa de explicar aos seus concidadãos que a credibilidade do Governo de Unidade Nacional de que a África do Sul foi dotada há quase um ano em nada teria sido afectada pelo complexo episódio do despedimento e readmissão da vice-ministra das Artes e da Cultura, Winnie.

Essa não é porém a análise feita pelo Partido Nacional, do segundo vice-presidente, Frederik de Klerk, nem por alguns analistas políticos, segundo os quais não fica muito bem visto um Governo que decide afastar um dos seus membros e que depois o readmite, por não haver actuado

dentro de toda a legalidade constitucional.

Resta agora ver se o Presidente da República volta ou não a demitir Winnie Mandela, depois de cumpridos todos os requisitos legais; mas, entretanto, esta história veio lembrar que o Chefe de Estado não é um homem perfeito, apesar de toda a aurola conseguida ao longo dos anos.

"Atravessaremos essa ponte quando lá chegarmos", disse ontem Mandela durante uma escala em Nairobi, no Quênia, quando lhe colocaram o problema de vir ou não a afastar de novo do Governo a mulher que já antes tivera de afastar de sua casa, devido a comportamentos algo controversos.

"Penso que tenho muito bons conselheiros, excepto nee-

te caso", acrescentou o idoso político, que segundo a agência Reuter sofreu um humilhante desaire quando esta semana foi obrigado a reconhecer que nem tudo tinha sido feito da forma mais adequada na altura em que, o mês passado, se revelou aconselhável substituir a vice-ministra das Artes, da Cultura, da Ciência e da Tecnologia.

### Afastar de novo

Fonte governamental citada pela mesma agência dizia que Nelson Mandela poderia voltar a afastar Winnie ainda ontem à noite ou hoje, depois de conferência com os vice-presidentes Thabo Mbeki e De Klerk e com o ministro do Interior, Mangosuthu Buthelezi. Foi a

não consulta a este, aliás, que invalidou a decisão do dia 27 de Março, tomada em relação a uma vice-ministra que andava a criticar publicamente algumas das medidas do Governo de que era parte.

Antes deste caso, porém, o chefe de Estado da África do Sul já dera outros passos em falso, como o de aceder prontamente à proposta do líder da Frente da Liberdade, general Constant Viljoen, para designar o seu amigo Tom Langley embaixador em Lisboa, o que aparentemente foi muito mal recebido pelo Governo português.

Como não teve o cuidado prévio de auscultar a receptividade que esse pedido de agrémento poderia encontrar, Mandela está ainda hoje — passados já dois meses e meio — a

espera de uma resposta formal do Palácio das Necessidades, que diplomaticamente prefere manter silêncio a comunicar de forma clara a Pretória que deverá avançar com um nome de alternativa.

Ao transgredir com a sugestão do general boer Viljoen, antigo Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, o Presidente mais não fez do que ser fiel ao seu desejo de reconciliação entre todos os sul-africanos, mantendo grande parte dos fazendeiros africanos ao abrigo de quaisquer tentações aventuristas. Mas esqueceu-se de que dentro da própria carreira já haveria possivelmente algum diplomata a pensar em Portugal e que neste país poderia não cair bem o facto de ser "contemplado" com alguém que ainda

há pouco mais de um ano se posicionava à direita do Partido Nacional, sendo um dos que não queriam as eleições em pleno pé de igualdade entre brancos e negros.

### Não basta ser bom

O líder do ANC terá de aprender à sua própria custa que não lhe basta ser uma boa pessoa e agradar a toda a gente, pois que a condução de uma potência é bem mais do que isso e obriga a um quase impossível equilíbrio entre os interesses mais contraditórios, sem nunca deixar de respeitar as promessas nem os preceitos institucionais.

Outra das botas que tem agora de descalçar é a de, há um ano, para convencer o partido Inkatha, de Buthelezi, a ir às urnas, lhe haver prometido que se poderia recorrer a mediação internacional — designadamente do norte-americano Henry Kissinger e do britânico Lord Carrington — para definir o grau de autonomia das diferentes províncias da África do Sul e o estatuto constitucional do rei dos zulus.

Bem podem agora o ANC e o Partido Nacional, que entre si totalizam mais de 84 por cento dos votos expressos nas primeiras eleições livres, alegar que há a hipótese de o

assunto ser resolvido entre os sul-africanos, no âmbito da Assembleia Constituinte. Por mais que lhe digam, o nobre Buthelezi, tio do rei Goodwill Zwelithini, insiste sempre na promessa de mediação internacional, como se essa fosse a chave mágica para a província do KwaZulu-Natal, a única onde o Inkatha é maioritário, vir a ser dotada de mais vasta autonomia.

"Doersers" como os de Winnie Mandela, de Tom Langley e da eventual mediação externa quanto ao futuro articulado da Constituição sul-africana são alguns dos sinais dos grandes perigos que se desenham no horizonte, após este primeiro ano de relativa lua-de-mel entre o Governo de Unidade Nacional e a maioria esmagadora da população. ■

## O PROTAGONISTA

# A mulher que afirma ser ingénua

"PODERÁ ser ela o próximo Presidente da África do Sul?", perguntava ontem o jornal de grande expansão "The Star", referindo-se a Winnie Mandela, a mulher de 61 anos que já chegou a dizer de si própria ser uma simples camponesa ingénua.

"Irá a rainha da controvérsia dirigir a dissidência do ANC que muitos julgam inevitável?", perguntava também Peter Sullivan, director daquele diário de Joanesburgo, enquanto o semanário "Mail and Guardian" notava que a confusão vigente ao mais alto nível permitira a Winnie uma aliança atípica com o chefe tradicional Buthelezi, ministro do Interior.

Por seu turno, o conservador "Citizen" escrevia que o Presidente Nelson Mandela chega à

Pácoa com duas grandes dores de cabeça: Winnie e Buthelezi. E notava que o Governo se encheira de ridículo, ao ser forçado a readmitir aquela que ainda o mês passado afastara, depois de a mesma se ter envolvido numa série de polémicas.

Já no dia 30 de Março um analista do "New York Times" falava da senhora Mandela como "um poder potencial que os brancos temem", referindo que na opinião de alguns antigos guerrilheiros do ANC ela ainda virá a ser Presidente, podendo então dar cabo dos que hoje a criticam.

Com efeito, nas últimas semanas todas as atenções da África do Sul se têm centrado nesta mulher zhom que começou a aparecer na ribalta quando em 1968 se casou com Nelson Mandela, vindo a ser designada "Mãe da Pá-

tria" durante os longos anos que ele depois passou no cativeiro, por se manifestar activamente contra o "apartheid".

Por direito próprio, e para além de ser a mulher do "herói", Winnie tornou-se um destacado quadro do ANC, o movimento que vem desde 1912 e que nas eleições do ano passado se confirmou como a força política largamente maioritária da sociedade sul-africana.

Desterrada na década de 70 para a remota localidade de Brandfort, no Estado Livre de Orange, uma das então quatro províncias da África do Sul, Winnie Mandela voltou nos anos 80 para a região do Soweto, perto de Joanesburgo, e aí a sua imagem começou a sofrer algum desgaste.

O discurso de 1986 em que defendeu que se pegasse fogo aos pneus, regados com gasolina, que eram colocados ao pé de pessoas suspeitas de colaboração com o Governo contribuiu bastante para se compreender que não era propriamente uma santa. E logo a seguir rodeou-se de uma equipa de guarda-costas a que chamou Mandela United Football Team e que chegou a espalhar o terror em alguns bairros.

De então para cá, tem por diversas vezes contribuído para que se pense muito mais mal dela do que bem e para que se vá progressivamente esquecendo em muitos lares o papel de lutadora contra as injustiças sociais que durante longo tempo desempenhou. ■ J.M.

# Unita acusa Governo de obstruir processo de paz

NOVO JORNAL, 8.4.95

A representação da UNITA em Washington denunciou quinta-feira o que considera ser acções de "obstrução" do governo angolano à aplicação do protocolo de Lusaca.

Num documento distribuído em Washington, a UNITA afirma que "o governo de Angola tem de perceber que a comunidade internacional não aceitará qualquer obstrução da implementação do acordo de Lusaca".

"O silêncio da comunidade internacional será interpretado pelo governo como aceitação do seu deliberado impedimento do processo de paz", acrescenta.

**N**o documento, distribuído aos meios políticos de Washington, a UNITA estabelece uma comparação entre as suas próprias acções que considera favoráveis à aplicação do protocolo de Lusaca, e as do governo, que classifica de "obstrução" ao mesmo processo.

Concretamente, a UNITA acusa o governo de não ter ainda assinado o acordo que permitirá às Nações Unidas enviar os "capacetes azuis" e de não ter ainda autorizado o acesso dos observadores da ONU a posições estratégicas, incluindo portos e aeroportos.

O partido de Jonas Savimbi acusa o governo de continuar a reforçar as suas forças militares em áreas estratégicas e de não ter cessado esse reforço nas linhas da frente.

Diz também que, contrariamente ao acordado, o governo ainda não repatriou uma força de 3.000 mercenários, não respondeu às propostas da UNITA para um encontro entre o presidente Eduardo dos Santos e o líder da UNITA e que ainda não deu ordens à imprensa para que passe a usar uma linguagem mais de acordo com o espírito de tolerância e de reconciliação nacional.

Em contrapartida, o documento da UNITA regista a favor do seu próprio comportamento a abertura do "seu" território a organizações humanitárias e ao pessoal da UNAVEM, bem como ter autorizado o acesso desse pessoal a todos os aeroportos nas suas áreas.

Refere ainda as conversações da sua direcção com os enviados da ONU e do presidente dos Estados Unidos, as conversações com os bispos católicos, incluindo o cardeal Alexandre Nascimento, o convite à Comissão Conjunta para que se deslocasse ao Bailundo, a aceitação das propostas do comandante da UNAVEM III sobre a separação de forças nas províncias das Lundas e do Moxico e o início das discussões sobre a composição do futuro exército nacional, desmobilização e desarmagem.

A UNITA diz ainda que o governo de Angola dispõe de condições para lançar uma ofensiva de grande envergadura e que Luanda "receia que o pessoal da ONU interfira com os seus planos e abra caminho a uma resposta internacional hostil às suas acções".

O documento da UNITA surge nas vésperas da divulgação do novo

relatório do secretário-geral da ONU, sobre o qual deve debruçar-se o Conselho de Segurança para determinar se enviará ou não "capacetes azuis" para Angola.

## Beye adia viagem à África do Sul

O representante especial do secretário-geral da ONU em Angola, Alioune Blondin Beye, adiou a sua viagem para a África do Sul para se encontrar com o presidente Nelson Mandela, para se deslocar ao Bailundo no quadro da Comissão Conjunta.

Beye regressou quarta-feira a Luanda, de um périplo por três países da região - Zimbabué, Zâmbia e Zaire -, onde, segundo o próprio disse à agência angolana Angop, lançou um apelo de ajuda ao processo de paz angolano, "cada um com os seus meios e relações privilegiadas que tem".

O representante de Butros-Ghali em Angola disse que analisou com os presidentes do Zimbabué, Robert Mugabe, e do Zaire, Mobutu Sese Seko, o desenvolvimento do processo de paz angolano e a sua consolidação. Beye reuniu-se com altos responsáveis zambianos, uma vez que o presidente Fredrick Chiluba se encontra ausente do país.

Quanto à questão da separação das tropas, que o Governo considerou terça-feira estar concluída, Beye reconheceu que essa medida não estava prevista no protocolo de Lusaca. "Nas Lundas e no Moxico quase todas as tropas têm um afastamento de 40 quilómetros", não havendo necessidade de separação de forças.

O protocolo de Lusaca estipula o "desengajamento" das tropas nas

zonas onde os militares das duas partes não estejam distanciados em mais de 15 quilómetros.

"Não existe o incumprimento de coisa alguma do protocolo de Lusaca", disse Beye, sublinhando que "o objectivo agora é lutar para se conseguir a livre circulação de pessoas e bens", num país plantado de minas.

## Comissão Conjunta no Bailundo

A Comissão Conjunta (CC) de acompanhamento da aplicação do protocolo de paz de Lusaca está desde sexta-feira no Bailundo, Huambo, para um encontro com a liderança da UNITA.

O mediador do protocolo e presidente da CC, o representante especial do secretário-geral da ONU em Angola, Alioune Blondin Beye, partiu com a representação governamental e a "troika" de embaixadores observadores, Portugal, Estados Unidos e Rússia.

Antes, tinha seguido a delegação na CC da União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) e ainda um avião com jornalistas estrangeiros e angolanos, estes pela primeira vez a convite expresso do líder da UNITA, Jonas Savimbi, nesta fase do processo.

A UNITA rejeita regularmente a presença da imprensa "governamental" nas suas áreas ou actividades, mas o seu representante na CC, Isaías Samakuva, disse que Savimbi "sabe que foi sempre desejo da imprensa nacional deslocar-se ao Bailundo, para trocar impressões com ele".

Várias movimentações sucederam-se nos últimos dias, incluindo

contactos políticos de Beye com políticos da sub-região e encontros com o chefe de Estado angolano, José Eduardo dos Santos, e outras personalidades. A CC deverá realizar a sua 13ª sessão ordinária na próxima terça-feira.

O adiamento para a próxima semana da reunião ordinária da Comissão Conjunta deveu-se ainda à deslocação do chefe militar da UNAVEM, general Chris Garuba, a Catumbela (Benguela) e ao Namibe (Sul). Estas visitas visaram acelerar os preparativos para a eventual chegada dos batalhões dos "capacetes azuis", nomeadamente da unidade logística britânica, que tem já no terreno um grupo avançado.

Beye tinha previsto para quinta-feira uma deslocação à África do Sul, que cancelou por causa desta actividade, como o encontro com José Eduardo dos Santos, a quem informou sobre os contactos mantidos nos últimos dias no Zimbabué, Zâmbia e Zaire.

Beye tinha previsto para ontem de manhã um encontro com o chefe do Estado Maior General das Forças Armadas Angolanas (FAA), general João de Matos.

O encontro foi cancelado pela multiplicidade de encontros e ainda pela ausência do general Matos na região sul do país, depois de uma visita ao Cuito-Bié.

Estas movimentações antecederam a reunião do Conselho de Segurança da ONU, prevista para os próximos dias - após a apresentação aic, hoje, sábado do relatório do secretário-geral da ONU -, que irá avaliar as condições para o envio de 7.000 "capacetes azuis" para Angola.

# Enxurrada de pedra no Fogo

PÚBLICO, 11.4.95

A taça interior da Ilha do Fogo, a Chã das Caldeiras, continua a encher-se de lava, oito dias depois do início da erupção.

Uma aldeia já foi destruída pela enxurrada de rocha derretida, outra aldeia está prestes a ser engolida e uma terceira poderá seguir-se nos próximos dias.

Os sismólogos e os geólogos presentes na ilha são prudentes nas suas previsões. Ninguém sabe se a lava vai continuar a sair durante dias ou semanas, se a erupção vai parar, se se vai acentuar nos próximos dias.

Por enquanto, a única preocupação dos investigadores

que se encontram em Cabo Verde é instalar o maior número possível de aparelhos de medida,

cujos dados serão analisados mais tarde. O grande receio das populações, esse, é que, depois de encher uma parte da Chã, a lava comece

a escorregar para leste, para o mar, ameaçando outras povoações. Por enquanto,

o vulcão ainda não fez estragos pessoais mas já expulsou 5000 pessoas de suas casas.

Pessoas que nunca mais poderão voltar a habitar a terra onde moravam, na sombra de um vulcão que julgavam adormecido.

**N**

Desse nosso enviado  
Isabel Salema (textos) e Daniel Rocha (fotos),  
na Ilha do Fogo, Cabo Verde

este momento, com as medições feitas no terreno ontem, o que mais

preocupa a população é saber quais as povoações ameaçadas: a lava está a 1,5 a dois quilómetros da Portela e a 2,5 a três quilómetros da Bangureira". As palavras são do geólogo cabo-verdiano Alberto da Mota Gomes, do Instituto Nacional de Gestão de Recursos Hídricos de Cabo Verde, que abriu assim, ontem de manhã, o primeiro ponto de situação feito pelas equipas de cientistas actualmente a trabalhar no terreno na Ilha do Fogo, em Cabo Verde. A situação, porém, evoluiu rapidamente e, se ontem de manhã a lava ainda estava a muitas centenas de metros de Portela, é possível que hoje a povoação já tenha sido atingida.

O avanço da lava em Chã das Caldeiras, nas últimas 24 horas, foi de 32,5 metros, à velocidade média de 1,35 metros por hora, continua Mota Gomes, o porta-voz da missão científica. "A lava segue numa direcção de sudoeste para noroeste e já percorreu uma extensão de cerca de três quilómetros. O percurso interrompeu já o caminho entre Boca Fonte e Portela", diz o geólogo, repetindo aquilo que já to-

dos constataram no terreno. Mota Gomes acrescenta que, neste momento, predomina a fase efusiva da erupção, que leva a uma maior libertação de lavas e à formação de uma muralha castanha e incandescente, a que os geólogos chamam "escocada".

"A zona de Boca Fonte já foi parcialmente destruída, casa, fonte e mesmo reservatório. Esta é a zona mais devastada. A lava avança mais rapidamente na direcção da Borda (a parede de 1000 metros que fecha a oeste a Chã) do que da Portela. É um bom sintoma, porque a lava tende a encher a Chã das Caldeiras e depois tomar a direcção da Portela e da Bangureira. Devemos estar prevenidos, porque no caso de ultrapassar a Portela poderá vir a pôr em perigo Achada Grande, Corvo e Relva" (ver mapa).

Sobre a possibilidade da lava atravessar da Chã das Caldeiras e começar a correr para o mar, em direcção às povoações que vivem na encosta este, Mota Gomes diz que é necessário seguir os acontecimentos, mas lembra que há um ligeiro aumento de cota antes da pendente, devido à acumulação de lavas históricas.

Continua na pág. 3

Continuação da pág. anterior

# Enxurrada de pedra no Fogo

Mas haverá tempo de evacuar as povoações se tal acontecer. Quando lhe perguntam se a lava pode atingir uma velocidade de 10 metros por hora — uma informação veiculada pela polícia no local uns dias antes —, Mota Gomes diz estar convencido que, em média, a lava nunca terá atingido essa velocidade. O geólogo diz também estar convencido que a lava não vai seguir a direcção de Cova Matinha, situada a sudeste do Pico Novo, situado em Chã das Caldeiras a 2829 metros de altitude: "Não creio".

Mota Gomes fornece também dados sobre o número de focos activos desde o início da erupção: no primeiro houve três focos, no segundo dia o número subiu até sete focos, no terceiro decaiu para dois e até ontem o número tinha oscilado entre um e dois. O primeiro com lava, que constituiu a cratera mais activa da erupção que começou há mais de uma semana, e o outro apenas com fumos. Três das crateras situam-se ao longo da encosta do Pico Novo e os outros três focos na sua base. Segundo testemunhos da população, a erupção, que começou à meia-noite de domingo, foi antecedida por três sismos, que foram sendo sucessivamente mais fortes: o primeiro às sete da manhã, o segundo às três da tarde e o terceiro às oito da noite. "Não tenho conhecimento nenhum da magnitude do sismo que antecedeu a erupção. Se o sismo fosse de magnitude cinco seria possível com a rede da costa de África e dos Estados Unidos detectá-lo", diz João Fonseca, do Departamento de Física do Instituto Superior Técnico (IST), que em coordenação com o Instituto de Meteorologia e Geofísica, com o Instituto de Geofísica Infante D. Luís da Faculdade de Ciências de Lisboa e o British Geological Survey esperava ontem terminar a instalação de uma rede de dezenas de estações sísmicas. Mas ontem, David Stewart, do British Geological Survey, ainda não tinha conseguido chegar ao Fogo, com os 500 quilos das cinco estações de micro-sismicidade.

## Fazer o mapa interno do vulcão

O presidente da comissão instaladora da Câmara de Mosteiros, Hugo Rodrigues, apresentou os cientistas da mesa da conferência de imprensa improvisada. Além de Mota Gomes e de João Fonseca, controla da evolução do magma no interior das crateras e para, no futuro, delimitar com exactidão o perfil da câmara magmática da Ilha do Fogo.

Como é que se consegue fazer o acompanhamento do magma — o nome da lava antes de atingir a superfície — no interior da terra? "Através do acompanhamento da fractura das rochas provocada pela subida do magma. A análise das ondas P e das ondas S permite detectar o foco do sismo. Depois, através de 'software' introduzem-se os dados e constrói-se os mapas", diz João Fonseca, explicando que os dados permitem criar um modelo tridimensional da câmara magmática, situada no interior da terra.

A rede de sismógrafos da Ilha do Fogo inclui quatro aparelhos do IST, colocados em Patim, Cova Figueira, São Filipe e Mosteiros, quatro do Instituto de Meteorologia, situados nos mesmos sítios, três

do Instituto de Geofísica da Faculdade de Ciências, localizados em Achada Furna, São Jorge e Relva, e cinco do British Geological Survey, em Chã das Caldeiras.

Os aparelhos conseguem, estão presentes Celestino Silva, do Instituto de Investigação Científica Tropical, e António Serralheiro, do Departamento de Geologia da Faculdade de Ciências de Lisboa. O encontro serve também para alguns deles conversarem pela primeira vez: João Fonseca faz, pela primeira vez, uma reunião com Mota Gomes para saber a situação da lava antes de ir para o terreno instalar os sismógrafos.

Em casa de Hugo Rodrigues, que se tornou o quartel-general das equipas portuguesas no Fogo, João Fonseca, numa carta militar com uma escala de 1/25.000, explicava que as cinco estações de micro-sismicidade teriam que ficar em linha de vista na Chã das Caldeiras, porque transmitem em UHF. "Este local está acessível?". Em poucos minutos, decide-se o local das cinco estações, porque Mota Gomes tem de partir para Chã das Caldeiras com a equipa de geólogos. No Fogo, estão quatro geólogos da Faculdade de Ciências de Lisboa e mais dois do ICT, cuja equipa também conta com dois geógrafos. As 16 estações sísmicas servem para fazer o registo desde sismos bastante fortes — caso dos acelerómetros do IST — até muito pequenos. "Na escala de Richter, de zero a três considera-se micro-sismo", diz João Fonseca, que através de um projecto financiado pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (JNICT), instalou de Agosto de 1993 a Setembro de 1994, cinco estações no Fogo e mais quatro na ilha Brava, com o objectivo de definir o patamar de actividade numa situação normal. "O ideal teria sido ter tido as estações a trabalhar nos seis meses anteriores à erupção, para estudar a evolução até à erupção".

Nessa altura, foram também instalados seis inclinómetros para observar as variações na inclinação da crosta terrestre, que foram enterrados pela actual lava, e uma sonda geotérmica. A sonda, enterrada a 16 metros de profundidade na povoação da Portela em Chã, dava ontem à noite temperaturas entre os 18,9 e os 19 graus centígrados, enquanto anteriormente as temperaturas variavam entre os 19,1 e os 19,3 graus centígrados. João Fonseca diz >>

>> que a sonda tem de ser calibrada para depois se tirem conclusões, porque é normal o registo da temperatura declinar ao longo do tempo. Este sismólogo, que esteve ontem à noite na Portela perto das três da manhã, disse que viu, nessa altura, a lava a uns meros 500 metros da Portela.

## Erupção maravilhosa

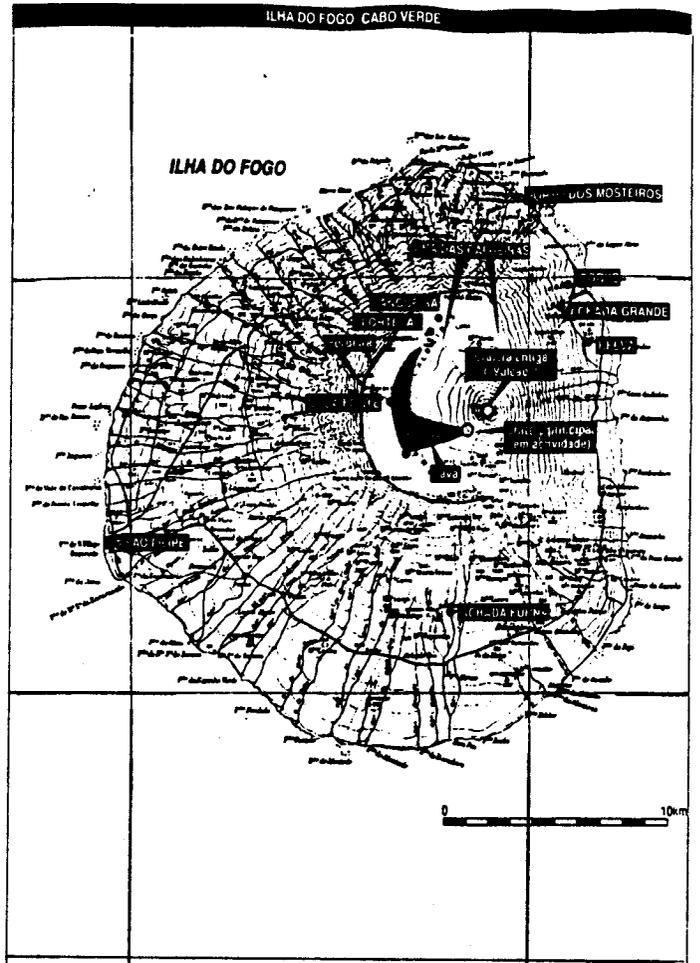
A catástrofe que a erupção representa para a população não consegue apagar por completo a excitação dos cientistas perante o fenómeno e a beleza salvagem do vulcão. Antontem, já noite escura, e pouco mais de um quilómetro da cratera, Mota Gomes exclamava, ao ver a erupção contra o céu estrelado, com a lua a pique: "Isto é maravilhoso". José Ma-

deira, geólogo da Faculdade de Ciências, comenta com Mota Gomes que lhe parece perigoso permanecer ali. Com a cratera a três quartos, o seu perfil apresenta-se cada vez mais inclinado, por causa dos rompimentos provocados pela saída da lava. "A cratera pode romper e o jacto inclinar-se para aqui", comenta José Madeira. "Ela está muito instável. Tem um ângulo de inclinação muito grande. Acho que eles estão a arriscar-se demais", concorda João Gaspar, do Departamento de Geociências da Universidade dos Açores, referindo-se ao grupo de geólogos que observa o fenómeno a 800 metros da erupção. A erupção não fez qualquer vítima mortal até agora. O balanço é de seis feridos ligeiros, devidos aparentemente à precipitação da fuga, e de 5000 refugiados.

Perto deles, alguém chama a atenção para o barulho que a lava faz ao avançar. Celestino Silva, do ICT, acrescenta que no dia anterior à noite o rio de lava tinha 40 metros de largura. Para o lado da Bordeira, o enorme lago de lava, confinado pelo relevo, apesar de escondido pela muralha castanha a avançar, emite um enorme clarão. À noite o espectáculo é, de facto, maravilhoso, mas como as referências de Chã das Caldeiras desaparecem no escuro da noite, a dimensão da erupção é aumentada ao sabor da imaginação.

José Madeira sabe apenas que, ao contrário da noite anterior, ela não cabe na lente da sua máquina. No dia anterior, no café Tchom da Café da vila de Mosteiros, onde se instala quem chega ao Fogo para ver o vulcão, os geólogos José Madeira e Paulo Torres do ICT, explicavam a origem dos sete focos que já expeliram lava desde o primeiro dia da erupção.

Numa fissura a sudoeste no Pico Novo a lava ascende, provocando o aparecimento de sete focos. "No vulcanismo de tipo fissural, tem-se a lava a ascender ao longo de toda a fractura. Geralmente, não forma um cone perfeito. A lava sai através de vários pontos da fractura e escolhe o mais fácil. A fissura entope em alguns pontos e ficam bocas que dão origem ao cone. A cratera tem uma forma alongada porque é uma erupção fissural. Mas a forma da cratera está continuamente a mudar. Como o co-



ne se está a edificar através de uma corrente de lava, facilmente o bordo mais baixo é interrompido pela corrente", explica José Madeira.

"É porque é que se gera o magmatismo?", interroga Paulo Torres. "O magma está quente, a milhares de graus centígrados. O material ascende porque está quente ou é aquecido nas zonas de transição entre as camadas (crosta oceânica, litosfera, base do manto superior e núcleo). Forma-se um ponto quente, chamado 'hot spot'. A medida que o magma sobe, diminui a pressão mas a temperatura é constante. Isto é um sólido que atra-

veza um sólido, mas a certa altura a pressão não é suficiente para manter o material sólido e os materiais fundem-se. Entre os 100 e os 140 metros de profundidade começa a haver fusão. O líquido ascende através de fracturas e organiza-se em câmaras magmáticas".

Para explicar como é que a lava emerge à superfície, Paulo Torres diz que tem de se acorrear da teoria da tectónica de placas. A actividade vulcânica existe nos "rifts", onde a placa cresce, e nas chamadas zonas de subducção, onde as placas chocam umas com as outras e se afunda a mais densa. "Cabo Verde está situado no troço

oceânico da placa africana e tem um vulcanismo interplacas", continua Paulo Torres. "O movimento entre as placas tectónicas provoca tensões na litosfera. Como esta camada é relativamente rígida, quando não suporta as tensões parte. Criam-se então fissuras", termina José Madeira. No Fogo, a fissura deu origem a sete aberturas, cuja acumulação de material levou à formação de cones mais ou menos imperfeitos e alongados, característicos desta actividade fissural, comum a algumas zonas vulcânicas da ilha de São Miguel, nos Açores, segundo os geólogos da Universidade dos Açores. »

## Onde está a lava?

A ÚLTIMA carta militar da ilha do Fogo, ainda feita por portugueses, data da década de 70. Mas a carta, com uma escala de 1/25.000, para além dos trabalhos de campo realizados em 70, foi composta a partir de fotografias aéreas tiradas ainda antes. Há fotografias aéreas de 90, mas antontem Fernando Costa, geógrafo do Instituto de Investigação Científica Tropical (ICT), ainda não lhes tinha posto a vista em cima.

"É uma questão de um centímetro ou dois. O que tenho cartografado, neste momento, são 250 metros de observações. Provavelmente, faltará ver mais dez centímetros e quatro centímetros são um quilómetro", explica Fernando Costa, que se recusa a desenhar na fotocópia de um mapa com a escala de 1/150.000 a forma que o percurso da lava está a tomar em Chã das Caldeiras ou localização da cratera principal. "A carta militar está desactualizada, por isso é extremamente difícil fazer os impactos. Tivemos

imensa dificuldade em localizar as crateras, porque a morfologia mudou imenso em termos de referências. E há a acrescentar ainda que os nomes das povoações na carta não coincidem com os nomes que as populações lhes dão. E as diferenças entre o crioulo e o português", continua o geógrafo, acrescentando que aquilo que mais gostaria era poder desenhar já um mapa. Fernando Costa e o seu colega Ezequiel Correia saem para a Chã das Caldeiras munidos de bússola e com o seu poder de orientação em relação às formas anteriores à erupção. Um trabalho difícil, porque a extensão de três quilómetros de lava parece uma autêntica montanha em ruínas. "Falta a fotografia aérea dos serviços do fenómeno vulcânico para os serviços que se encarregam da cartografia de base introduzirem as modificações", acrescentando que o ideal seria existirem voos diários. Os dois geógrafos concordam que, numa situação como esta, deveriam ser produzidos mapas com a situação actuali-

zada todos os dias, mas Fernando Costa e Ezequiel Correia recelam sair do Fogo "sem ter alguma coisa". "Estamos a tentar definir minimamente um mapa", continua Fernando Costa — que, assim como Ezequiel Correia, é discípulo de Orlando Ribeiro, o geógrafo que na última erupção, a de 1951, fez um trabalho já considerado clássico sobre o Fogo. "O objectivo do geógrafo é estudar os impactos que este fenómeno teve do ponto de vista ambiental, nas formas de relevo e nas actividades humanas, nomeadamente nas infra-estruturas, na ocupação do solo e na mobilidade humana.

É difícil de facto desenhar um mapa da lava apenas armado com uma bússola e dois pares de olhos, mas Mota Gomes, em colaboração com os geólogos portugueses, espera ter hoje o primeiro mapa com a extensão da lava desenhada num determinado momento. O mapa será apenas divulgado depois da autorização das autoridades. » L.S.



# O grande farol da noite

PÚBLICO, 11.4.95

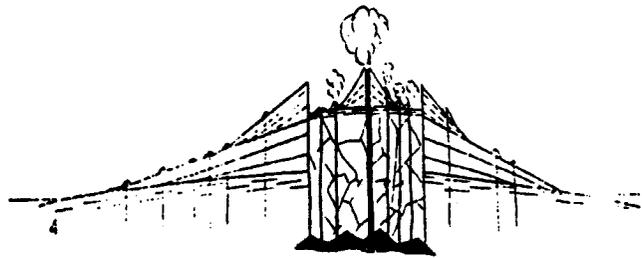
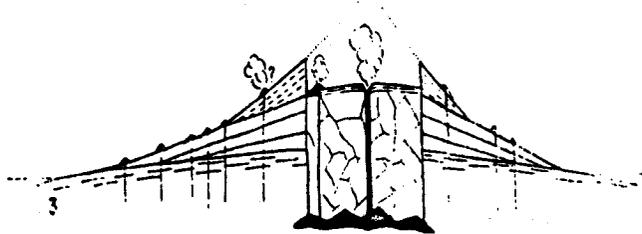
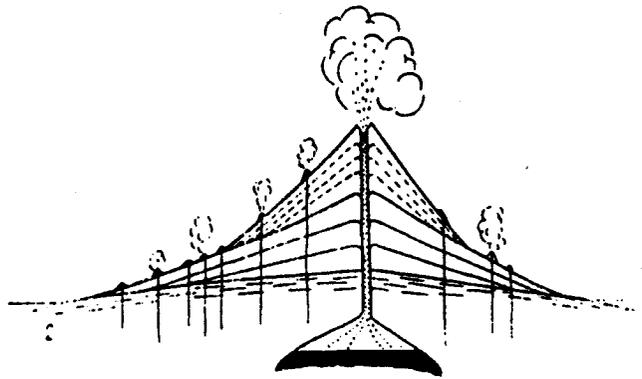
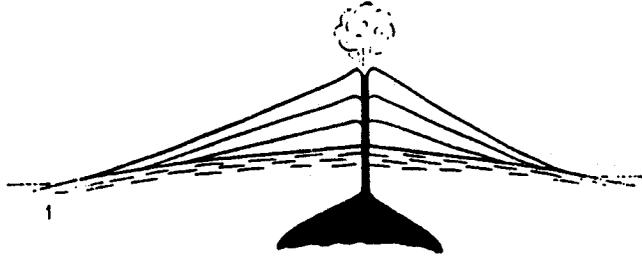
OS MARINHEIROS portugueses que navegavam nos barcos quinhentistas não eram decerto eruditos nem latinistas. Assim, é provável que só muito poucos tivessem ouvido falar de Pompeia e do Vesúvio. Também em Portugal não existiam manifestações de vulcanismo. Quanto aos Açores, cujo "achamento" foi pouco anterior ao de Cabo Verde, parece ter havido uma erupção vulcânica na Caldeira das Sete Cidades, na ilha de São Miguel, mas esta terá sido entre a viagem da descoberta e as primeiras viagens de povoamento, não tendo tido, portanto, observadores humanos.

A primeira vez que estes marinheiros assistiram ao espectáculo assombroso de uma erupção vulcânica foi na ilha cabo-verdiana que tinham baptizado de São Filipe, descoberta por António de Noli e Diogo Gomes em 1480. A natureza da ilha não se revelou desde logo e, quando as primeiras erupções tiveram lugar, o facto acabou por se impor como sua principal característica definidora, cujo nome mudou para ilha do Fogo.

Naquela altura, perante um arquipélago rochoso, cujas ilhas eram maioritariamente estérteis e completamente desabitadas, mais a sul do que alguma vez se tinha estado e com as lendas de que se navegava para o fim do mundo ou para o Inferno, as reacções às erupções do vulcão do Fogo são hoje difíceis de imaginar. Nas navegações que se faziam por volta de 1500, por via do tráfico de escravos e mercadorias da Guiné ou de expedições para o Sul, em direcção à feitoria da Mina ou ao Congo, o mar aparecia no canal entre as ilhas de Santiago e do Fogo absolutamente coberto de pedra-pomes, que flutuava na água devido à sua porosidade. Se tomarmos em conta que o dito canal tem sempre mais de setenta quilómetros de distância entre as ilhas, ficaremos com alguma ideia do que viam os marinheiros destes séculos.

Valentim Fernandes, marinheiro que passou por Cabo Verde nos inícios do século XVI, fala da ilha dizendo que esta se chama "do Fogo porque em meio dela há uma serra mui alta mais que nenhuma outra ilha destas [o Fogo é o segundo ponto mais alto do Atlântico oriental, depois do Pico de Teide, em Tenerife, nas Canárias], na qual serra arde sempre fogo... e em certos tempos do ano ferve". Ao contrário do que afirma Antonio Tabbuchi para a ilha do Pico, nos Açores, que é algo semelhante à do Fogo, não se trata aqui de um "um inútil farol da noite", tendo o clero da ilha inclusivamente sido utilizado como meio de orientação nas travessias entre ilhas e em direcção à África meridional ou ao Brasil.

As erupções eram então muitíssimo mais frequentes do que agora — só sucederam duas desde 1857 (a de 1951 e a actual). Nos fins do século XVII, temos oito períodos de violenta actividade entre 1675 e 1700. Quase não se pode falar de diferentes erupções, mas de uma erupção constante com diversos picos de actividade. Eram normalmente constituídas por violentas explosões, lançamento de piroclastos e escórias a grandes distâncias, jorros de lava que saíam do cone principal (hoje aparentemente extinto), e quase sempre precedidos e acompanhados de violentos abalos de terra. As explosões e, no mínimo, o grande clarão que provocavam eram perfeitamente visíveis das outras ilhas, e os habitantes da Ribeira Grande (antiga capital de Cabo Verde, na ilha de Santiago, destruída mais tarde pelo corsário Francis Drake, e actualmente chamada Cidade Velha) reuniam-se nos pontos mais altos da vila para verem correr os rios de lava que saíam da caldeira rodeando a base do vulcão e descendo até ao mar pelo lado nascente.



NA CAREÇA da página, a ilha do Fogo, vista de leste. A elevação central, a que os habitantes dão o nome de "Vulcão", e que foi em tempo o cone eruptivo principal, está rodeada por uma coroa aberta a leste cuja crista dá pelo nome de Bordeira. As restantes figuras ilustram aquilo que se pensa ter sido a génese da Ilha do Fogo. 1- A ilha é formada por uma erupção que expede lava, que vai dando origem a várias camadas que se vão solidificando e criando o cone característico. 2- Numa fase posterior, o nível de magma na câmara magnética abate, em consequência da redução da pressão. É aqui que se forma a zona conhecida como Chá da Caldeira. 3- O terreno por cima da câmara magnética abate, em consequência da redução da pressão. É aqui que se forma a zona conhecida como Chá da Caldeira. 4- Aparecimento de novo cone eruptivo, (o "Vulcão") no interior da Chá. Na actual erupção, porém, não é nem a velha cratera abatida nem a "jovem" cratera do "Vulcão" que está em erupção mas sim uma nova abertura (ou mais) que surgiu na encosta sudoeste do "Vulcão". Todas as figuras são reproduzidas do livro "A Ilha do Fogo e as suas Erupções", de Orlando Ribeiro, Junta de Investigações do Ultramar, 1954. A figura da cabeça da página é de Bacelar Bobiano. ■

Morfologicamente, a ilha é ela própria um grande vulcão de sete quilómetros que nasce no fundo do mar, emergindo já acima da sua altura média. Este aparelho seria, em tempos, um cone perfeito cujo topo absteu durante um período de menor actividade vulcânica e esvaziamento da câmara magnética num passado bastante remoto, segundo o processo habitual de formação de caldeiras. Foi assim que nasceu a grande cratera de nove quilómetros de diâmetro (a 1600 metros de altitude) a que se chama a Chá das Caldeiras, rodeada a três quartos do seu perímetro por um enorme penhasco que chega aos mil metros de altura (a Bordeira), e que tem a forma de um crescente cujo tamanho vai diminuindo para ser interrompido no local onde nasceu um novo vulcão com mais de 1200 metros de altura (altitude máxima 2850m).

São estes relevos que condicionam o percurso típico das torrentes de lava, que, após causarem a habitual destruição dentro da própria caldeira, só têm dois locais possíveis para descer em direcção ao mar, precisamente nos pontos em que a Bordeira decai de encontro ao cone principal. Daí que as principais localidades da ilha estejam protegidas destas torrentes pela Bordeira, e que não existam habitações nos locais de passagem da lava, que no entanto corta quase sempre as comunicações entre os dois concelhos da ilha, o da capital, São Filipe, e o dos Mosteiros.

As erupções tiveram desde sempre muita importância na história da ilha, não só pela destruição imediata como pelas grandes fomes que se seguiram à perda dos poucos terrenos agrícolas, e que por várias vezes diminuíram drasticamente a povoação da ilha. Outras vezes, a influência deu-se noutro sentido. A grande crise vulcânica de fins do século XVII deu azo à saída da ilha das famílias nobres que eram suas donatárias, o que teve reflexos no sistema económico e na distribuição da terra: em vez de um modelo escravagista e latifundiário como o existente em Santiago, o Fogo passou a ser explorado em minifúndio e completou-se o processo de cristalização existente na maior parte das ilhas cabo-verdianas. Actualmente, a ilha é habitada por 99 por cento de mestiços.

A agricultura sempre foi, apesar do problema da falta de chuva, a principal actividade dos ilhéus, e foi a procura de melhores terrenos para a agricultura, mais húmidos e frescos, e capazes de suportar culturas de tipo mediterrânico, como a vinha e algumas árvores de fruto, que levou alguns habitantes (segundo a tradição oral, naturais da vila dos Mosteiros e descendentes de açorianos) a habitarem a própria cratera da Chá, onde existem as duas aldeias siamezes (a Portela, ou Tchá di Baxo, e a Banguetra, ou Tchá di Ribá) que foram agora evacuadas por causa da erupção.

Este núcleo habitacional é uma verdadeira ilha dentro da ilha, sem nenhum contacto com a beira-mar, e que terá sido habitado pouco depois do decréscimo da actividade vulcânica em meados do século XIX, aproveitando uma fonte de água doce, a humidade das nuvens durante a noite (a povoação está acima do nível comum das nuvens) e a recolha de enxofre, que teve alguma importância na economia cabo-verdiana do passado. Após o início da erupção, a povoação foi parcialmente destruída, o que não impediu os seus habitantes de voltarem três meses depois, quando ainda havia cones adventícios em actividade efusiva, e reconstruíram a aldeia da Portela umas centenas de metros mais à frente. ■

Rui Taveiras

Guiné-Bissau

# Fusão de cinco partidos

PÚBLICO, 11.4.95

CINCO dos seis partidos da Guiné-Bissau que tinham ido às eleições de Julho do ano passado sob a sigla comum de União para a Mudança (UM) decidiram agora fundir-se, ficando com o nome herdado da aliança e sob a presidência interina de João da Costa, que dirige o Partido para a Renovação e Desenvolvimento (PRD).

Segundo informação dada à agência Lusa por Manuel Rambout Barcelos, que também era do PRD e que vai presidir à comissão encarregada de preparar

um congresso da UM para daqui a seis meses, João da Costa terá como secretário-geral, neste período transitório, Amine Saad, dirigente do Partido Democrático do Progresso (PDP).

O acordo de fusão vai ser assinado no dia 19 deste mês, depois da prevista greve geral de 13 e 14, comprometendo o PRD, o PDP, a Frente Democrática (FD), de Canjura Indjai, a Frente Democrática Social (FDS), de Rafael Barbosa, e o Movimento para a Unidade e Democracia (Mude), de Filinto Vaz Martins. Dos seis

partidos que tinham ido ligados às urnas e eleito entre si seis dos 100 deputados, só fica de fora da nova UM — mas a ela associada por um acordo de incidência parlamentar — a Liga Guineense de Protecção Ecológica (Lipe), liderada por Bubacar Djaló, cuja candidatura presidencial obteve o ano passado 2,75 por cento dos votos expressos.

A política da Guiné-Bissau é dominada pelo PAIGC, que em 1973 proclamou unilateralmente a independência do país e que hoje em dia conta com 62

dos 100 deputados, cabendo 19 ao Movimento Bafatá, de Domingos Fernandes Gomes, e 12 ao Partido da Renovação Social, de Kumba Ialá.

Para além dos eleitos pela União para a Mudança, há ainda um deputado da Frente de Luta para a Independência Nacional da Guiné, o líder desse partido, François Kankoilá Mendy, que na primeira volta das presidenciais de 1994 ficou em quinto lugar, com 2,8 por cento dos votos expressos. ■

Zimbabwe

PÚBLICO, 11.4.95

# Duplo triunfo de Robert Mugabe

O PRESIDENTE do Zimbabwe, Robert Gabriel Mugabe, de 73 anos, teve ontem a grata surpresa de saber que não só o seu partido ganhara folgadoamente as eleições legislativas de sábado e domingo, como ainda por cima a afluência às urnas fora, ao que parece, bem superior aos 50 por cento que muitos analistas calculavam.

A União Nacional Africana do Zimbabwe-Frente Patriótica (ZANU-PF) fica com muito mais de três quartos do Parlamento, mas esta vitória seria um tanto ou quanto pírrica se apenas uma escassa metade do eleitorado inscrito se tivesse dado ao trabalho de votar.

Acontece porém que, para maior glória do velho guerrilheiro que alguns adversários dizem ter tentações ditatoriais, a Comissão Eleitoral surgiu ontem ao fim da tarde a anunciar que 61 por cento do povo fora às urnas, nitidamente mais do que há cinco anos, aquando das anteriores legislativas.

Cinco partidos da oposição haviam decidido boicotar o acto eleitoral, por não o considerarem muito digno de

sejam da ZANU-PF, o grande bloco que Mugabe formou ao atrair a si o antigo adversário Joshua Nkomo, agora vice-presidente da República.

Há um quarto de século Robert Gabriel Mugabe ainda era uma figura relativamente pouco conhecida no exterior, quando Smith, Nkomo e Sithole já estavam metidíssimos na política da então Rodésia do Sul, governada pela minoria branca. Mas, depois disso, a proclamação da independência de Moçambique, a Frelimo e o Presidente Samora Machel catapultaram-no numa década de chefe da guerrilha a primeiro-ministro, que anos depois alteraria a Constituição, para lhe dar um pendor presidencialista, assumindo ele próprio a chefia do Estado.

## Um marxista amansado

Quando estava no exílio em Maputo e a partir daí coordenava a guerrilha contra o regime de Ian Smith, que ultimamente (em 1979) se procurou escudar por trás de Muzorewa, um bispo negro, Mugabe era tido por um marxista radi-

fê, dado que à partida os dados estariam viciados, mas mesmo assim outros ainda se apresentaram ao eleitorado, na esperança de que mais não fosse conseguiriam meia dúzia de deputados.

Mugabe, o homem que em 1979 comandava a guerrilha quando se foi para as negociações constitucionais de Lancaster House e que em Fevereiro de 1980 levou a ZANU à vitória nas eleições que precederam a proclamação da independência, pedira na semana passada ao seu povo que votasse em massa, certamente para não o deixar mal colocado.

Não teria sido propriamente uma avalanche de eleitores em todo o país, mas mesmo assim, com o apoio do bom tempo e talvez mesmo da própria Comissão Eleitoral, lá se conseguiu uma participação superior à prevista, deixando Robert Mugabe numa situação muito vantajosa para ser reeleito nas presidenciais do próximo ano.

Por outro lado, confirmou-se a extrema fragilidade da oposição, que na prática quase não existe, apesar de nela militarem nomes outros sonantes, como os antigos primeiros-ministros Ian Smith e Abel Muzorewa e o rev. Ndabaningi Sithole.

Há uma boa dezena de grupos opositores, uns que se candidataram ao Parlamento e outros que se autoexcluíram; mas na prática — para que contribuam a Constituição e as leis eleitorais — ninguém consegue ver uma dúzia sequer de deputados que não

cal, pronto a transformar por completo as estruturas económico-sociais da Rodésia-Zimbabwe. Mas mais tarde, depois da seca, da recessão económica e de uma certa má administração, teve de refrear um pouco as suas posições, dado que as grandes instituições internacionais de crédito não costumam ajudar velhos comunistas empedernidos.

De vez em quando o Presidente ainda fala do racismo dos brancos e da melhor distribuição da riqueza nacional, mas na prática a comunidade de origem europeia que não se atemorizou logo no início da década de 80 e procurou outras paragens por lá continua, a fazer razoavelmente a sua vida.

O exemplo mais flagrante dos velhos fazendeiros rodésianos que, mesmo a contragosto, tiveram de aceitar um Governo de maioria negra — e que mesmo assim continuaram numa terra que consideram sua — é o próprio Ian Smith, de 76 anos, que em vão se farta de alardear esforços para congregar toda a oposição e constituir um sério repto ao actual regime.

No sábado, Smith não conseguiu votar, porque só tinha consigo o bilhete de identidade e não o cartão de eleitor. Mas no domingo já o fez, dado que entretanto Mugabe, numa de magnanimidade, deu ordens para que não levantassem obstáculos burocráticos ao exercício de um dever cívico por parte de alguém que, no seu entender, pertencerá já ao "caixote do lixo da História". ■

Jorge Heitor

CIÊNCIAS

Erupção na Ilha do Fogo: lava ainda não atingiu a Portela

# Regresso ao vulcão

PÚBLICO, 12.4.95

Das nossas embaixadas  
Isabel Salerna (texto)  
e Daniel Rocha (foto)  
na Ilha do Fogo

Ontem, a frente de lava que tem estado a avançar em Chã das Caldeiras parecia parada. O avanço é tão lento que é imperceptível. Uma trégua aproveitada pelos populares para visitar as casas já cobertas ou ameaçadas pela lava.

**A**dérito Justino Gomes e Maria Augusta Gomes Miranda avançam a pé pela estrada de blocos irregulares de basalto que liga a vila de Mosteiros a Chã das Caldeiras. Vêm de Rosnades ver a casa e as propriedades ameaçadas de uma súbida de quatro dias.

Já a uma altitude de 1300 metros, por volta das onze da manhã e com o sol já forte, estão cansados e pedem bolacha. São das poucas pessoas que se vislumbram nesta paisagem fortemente marcada pelo perfil dos cones das antigas erupções. Combinamos, um pouco mais à frente, que eles são os nossos guias, porque a polícia não deixa passar os pendurres que encham qualquer carro que suba a estrada íngreme e com curvas apertadas até ao vulcão.

Lá em cima, no entanto, a grande recta que a estrada forma à entrada da Chã já não está interrompida pela barragem de pólvora que autenticam à noite. O último controlo tinha sido feito em Achada Furna. "Talvez por causa do medo. Já têm muitos dias cá. Talvez o vulcão pode dar outra explosão", diz Adérito Gomes, cujo "nominho" é Deivet.

"Vulcão", "explosão", "velocidade" e "lava" são palavras pronunciadas num português perfeito, por este homem de boné americano e rádio na mão. O vulcão está mais fraco, a saída de cinzas e pequenos piroclastos substituíram as explosões e os jactos fortes. Mais acima da cratera principal, uma boca parece alimentada apenas por fumarolas.

A luz do sol invade a Bordeira que limita a Chã — uma parede de mil metros de altura — e o Pico Novo, ou "o vulcão", como lhe chamam na Ilha do Fogo, está longe de pa-



Boca Fonte, em Chã das Caldeiras. "Me parece que a gente não pode morar aqui mais. Fica a sensação que o vulcão pode voltar"

recer ameaçado pela fissura onde se formaram as sete bocas que desde o primeiro dia foram alternadamente deitando lava cá para fora. Uma fratura que poderá ter dois quilómetros e que nos últimos dias alimentou rumores de se poder alastrar e acordar o Pico Novo, que não esteve activo em 1951 nem nas erupções mais recentes.

A memória do vulcão em actividade à noite, com os jactos vermelhos e cor-de-laranja, e a ausência da actividade frenética na estrada de cabras em direcção a Boca Fonte, a única povoação, com pouco mais de uma dezena de casas, que foi destruída pelas lavas, faz esquecer que vamos tentar chegar às duas povoações ameaçadas pelo avanço da lava: Portela e Bangueira.

### "Danger-under control"

Em casa do presidente da comissão instaladora da câmara da vila de Mosteiros, um enorme bloco de apartamentos, situado em frente ao mar e ao lado do cemitério, uma carta militar assinala-as com uma seta e a palavra "danger-under control". Por entre as janelas do carro de tracção às quatro rodas que esconde pontualmente o vulcão com os seus solavancos, Deivet conversa com um rapaz que vem à procura dos seus animais. Os burros perdidos que poucos dias antes

cruzavam a Chã nervosos tinham desaparecido. O dono, Artur Jorge, um adepto do Sporting que não gosta que lhe lembrem o seu homónimo treinador do Benfica, dizis que iam encontrar o seu caminho, porque no Fogo "os burros são inteligentes".

Deivet salta do carro para nos mostrar o lugar em que primeiro morou com os seus pais, agora emigrados nos Estados Unidos. Não há nenhuma casa, apenas uma enorme rocha onde foi colado um pequeno círculo de pedras. "Nessa altura, não havia desenvolvimento". Veio à Chã porque os pais o "chamaram da América" para ir ver com estavam a casa e a propriedade.

Deivet pretende regressar à Chã, se tudo correr bem, dentro de meses. "Se o terreno ficar, eu venho trabalhar e volto. Me parece que a gente não pode morar aqui mais. Fica a sensação que o vulcão pode voltar". Deivet fala das videiras, das figueiras, das macieiras e dos marmeleiros que não se vislumbram, mas a família tem outros terrenos mais próximo de Boca Fonte. E para não pensarmos que delira numa paisagem em ruínas, onde o verde quase não existe, aponta uma figueira: "Chamamos figueira de Portugal".

Do lado esquerdo da estrada, com o vulcão ao fundo, avista-se uma casa. Estamos em Rombedo, um lugarejo com apenas uma casa, mas com nome. Por nós, passa o primeiro

camião. "António", grita Deivet. Seguem-se frases rápidas em crioulo impossíveis de perceber, faz um apelo para lhe levarem a lenha que ainda guarda na sua casa, um rectângulo com duas portas como únicas aberturas. Foi também pela lenha que o casal subiu à Chã. No Fogo, 75 por cento da população depende deste tipo de energia, uma situação dramática numa ilha com uma grave escassez de árvores.

### "Parece o inferno"

Mais à frente, já à beira de Boca Fonte, a cooperativa, a menos de cem metros da lava, já não tem as portas nem as respectivas bandeiras. "Que tristeza", comenta Artur Jorge, que tem 24 anos e está suspenso do seu trabalho na câmara por pertencer ao Partido da Convergência Democrática. Apesar de Boca Fonte ainda conservar quase cinco dezenas de árvores que lhe emprestam um ar ameno, uma das cerca de duas dezenas de pessoas que ainda se encontra ali para levar o que resta da cooperativa — uma casa branca com uns casebres associados e telhado ondulado —, comenta: "Com o calor e o vulcão, isto parece o inferno".

Organiza-se um grupo de dez que vai ajudar o senhor Joca a trazer a mobília de Bangueira. É preciso saltar os muros que dividem estes campos quase estérteis para seguir em direcção à Portela. Um ra-

zão de ténis Adidas nos pés, camisola da Reebok e um capacete amarelo de plástico na cabeça também faz parte do desfile. Mora do outro lado da Chã e já é a terceira vez que faz os quase cinco quilómetros que faltam para chegar à Bangueira.

Quando se atinge a parte em que a lava já toca na Bordeira, o desfile tem de subir um monte de areia e cinzas para passar a muralha de lava. A inclinação é tão grande que é impossível à fila afastar-se mais de um metro da lava, que não mostra qualquer sinal de movimento, ao contrário de uns dias antes, quando se desmoronava ao nosso lado.

Na direcção contrária, vêm uma série de pessoas com pequenas balthas de gás à cabeça. Os dois grupos cruzam-se como dois carreiros de formigas, com os seus movimentos ondulant. Nenhum dá sinal de que a lava está ali ao lado, com a sua fina película castanha que esconde um brazeiro vermelho. No final, um cão fecha a fila que se dirige para Boca Fonte, a única forma de abandonar Chã das Caldeiras.

Ao lado da muralha castanha, as minúsculas videiras parecem mais verdes, tal como o fúfio, cujos arbustos verdes rompem apenas de dez em dez metros, desafiando as pedras que fazem de solo. Uma nuvem redonda, com origem no vulcão, dá-lhe uma forma geométrica perfeita a meio da Chã, ensombrando o Pico Novo.

A Portela está à vista e a lava não avançou muito, impedida pelo fecho a sudeste. A primeira casa, isolada, encontra-se aproximadamente a um quilómetro da lava. Buracos ordenados no chão mostram que alguém tentou fazer crescer algo em vão.

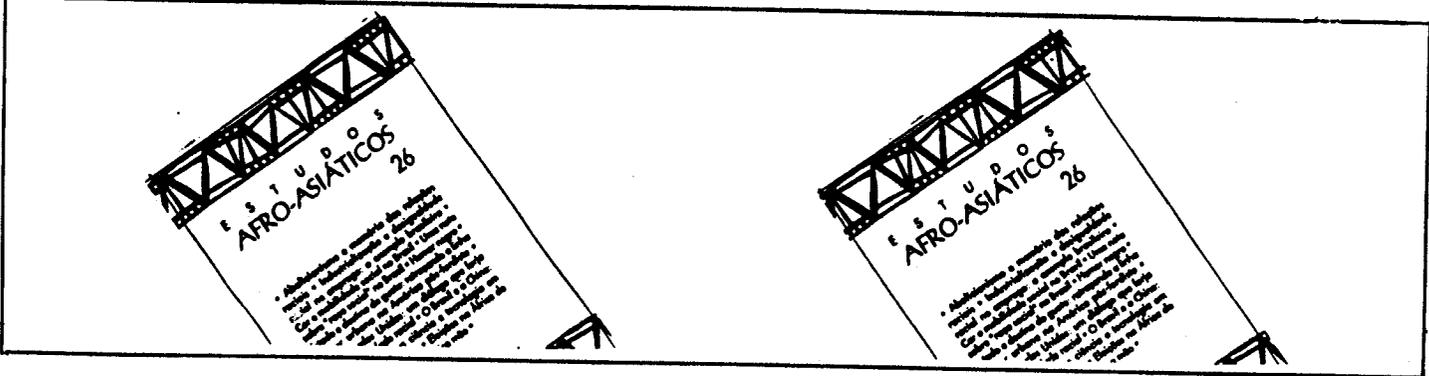
O chão toma as formas redondas das ecoadas de lava encordoadas de outras erupções, formas tão desenhadas que em alguns pontos parecem ruínas de uma qualquer ruína manuelina meio enterrada no chão. A estrada em rocha basáltica que atravessava a Chã numa linha mais ou menos direita, ressurge no meio da Portela.

A povoação junta apenas duas dezenas de casas: uma escola, que introduz o amarelo e o azul nas casas de lava, uma casa em construção com o ferro à mostra, uma cruz vermelha que indica o que foi um centro de saúde e duas igrejas. Quatro homens discutem nervosamente. Dizem que o monte por onde se faz a ligação a Boca Fonte podia ser "cobado". Cobado? "Sim, fazer plano, para a passagem ser mais fácil." É láis quem fala — "esse é no-minho de casa, o de igreja é Carlos Fernandes" —, com uma mochila de "nylon" às costas onde leva as suas últimas coisas. "Como o pai, fico na miséria. Tinha uma casa de nove metros que ficou de-baixo da lava."

Está em São Filipe, com a mulher e filho nas tendas instaladas no aeroporto, mas espera voltar daqui a três meses e quando um "caterpillar" já tiver suavizado a passagem da lava, láis não vai à missa da igreja católica nem da adventista do sétimo dia que são dadas na Portela, mas à nova apostólica, que fica a um par de quilómetros em Bangueira.

É só percorrer uma das duas ruas da Portela, dar a curva e descer os minutos que o separam da Bangueira — um caminho que também será fácil para a lava. Mas láis não distingue a Portela da Bangueira: "Isto é tudo remoldo. Cento e tal chefes de família, que são 600 e tal pessoas." Um número diferente das 1300 que oficialmente se diz viver na Chã, mas que tem surpreendido muita gente na ilha.

No centro de saúde, dois cartazes escrevem: "O sida é uma doença mortal" e "Somos jovens. Filhos? Depois." O segundo faz lembrar uma das máximas preferidas de Artur Jorge, que ouviu o padre Orfeu, um capuchinho italiano: "Casar é bom. Mas não casar é melhor ainda." De volta a Boca Fonte, um grupo de quatro pessoas faz um piquenique debaixo de uma árvore. A cena parece deslocada. São do U. S. Geological Survey, a agência norte-americana responsável pela investigação geológica. "Como é que está a lava do outro lado?", perguntam. "Está parada!". "Parada como está?" E apontam a lava ao seu lado, parada. "Parada." ■





## CIÊNCIAS

Investigadores terminam primeiro mapa da progressão da erupção na ilha do Fogo

## Dois rios de lava

PÚBLICO, 14.4.95

José Vitor Malheiros

Sete bocas eruptivas, dispostas numa linha perfeita, na encosta do Pico do Fogo, de onde saem dois rios de lava. É esta a forma da erupção da Ilha do Fogo, segundo o primeiro mapa realizado pelas equipas científicas que estiveram na ilha.

Desde o início da erupção do vulcão da Ilha do Fogo que a imprensa e a população esperam a publicação de um mapa onde possam ver com o máximo rigor possível a extensão da lava expelida pelo vulcão, de forma a avaliar os danos causados. No entanto, a feitura desse mapa foi dificultada pela inexistência de meios aéreos capazes de realizar um levantamento fotográfico da zona, pelas falhas das cartas existentes de Chã das Caldeiras e pela escassez dos meios técnicos existentes na ilha mesmo após a erupção. Quando as informações necessárias foram colhidas, graças, nomeadamente, ao trabalho dos investigadores portugueses aí presentes, estes preferiram esperar que a divulgação desta informação fosse feita pelas próprias autoridades cabo-verdianas, a convite de quem se encontravam em Cabo Verde. A entrega desta informação às autoridades cabo-verdianas teria lugar ontem, data a partir da qual foi finalmente possível divulgar este mapa.

### Sete ou mais aberturas

O desenho que apresentamos aqui, que os seus autores consideram apenas um "esboço cartográfico preliminar", representa a situação no passado dia 11 e foi realizado com base no levantamento de campo feito por João Gaspar e Nicolau Wallenstein, vulcanólogos da Universidade dos Açores, e por Fernando Costa e Eze-

quiel Correia, geógrafos do Centro de Geografia do Instituto de Investigação Científica Tropical. O trabalho foi realizado em colaboração com Alberto da Mota Gomes, do Instituto Superior de Educação de Cabo Verde.

A situação retratada aqui, que não se deve ter alterado substancialmente até este momento, mostra uma das frentes da lava a cerca de um quilómetro da povoação da Portela. Segundo os investigadores, "esta frente tem progredido muito lentamente nos últimos dias, verificando-se que o ramo que se dirige para sudoeste avança com maior velocidade". De facto, é nítido no mapa que a lava se divide em dois braços, um

em direcção a noroeste e outro em direcção a sudoeste. "É igualmente visível que os cones eruptivos se situam ao longo de uma falha onde se podem ver sete aberturas, sendo que uma delas, muito alongada, esconde provavelmente várias outras bocas eruptivas", diz-nos João Gaspar. "Talvez haja ainda mais bocas eruptivas, mas neste momento encontram-se cobertas pela lava".

Na legenda explicativa que acompanha o mapa, os investigadores afirmam que a questão das "emanações gasosas que se registam ao longo da fractura principal, numa extensão de 2 quilómetros" está a ser alvo de análise e que "continuam a cair

cinzas vulcânicas com particular incidência entre Relva e Cova Matinho, no sector oriental da ilha".

### A ajuda começa a chegar

Entretanto, só na próxima quarta-feira deverá chegar à Ilha do Fogo, por barco, a primeira ajuda enviada por Portugal e pelas organizações de solidariedade internacionais, noticiou a agência Lusa. A primeira remessa com ajuda aos deslocados foi porém recebida em Cabo Verde, na Cidade da Praia, já na passada terça-feira, a bordo de um C-130 da Força Aérea Portuguesa,

que transportava 15 toneladas de alimentos, medicamentos, vestuário, mantas, tendas e material de campanha.

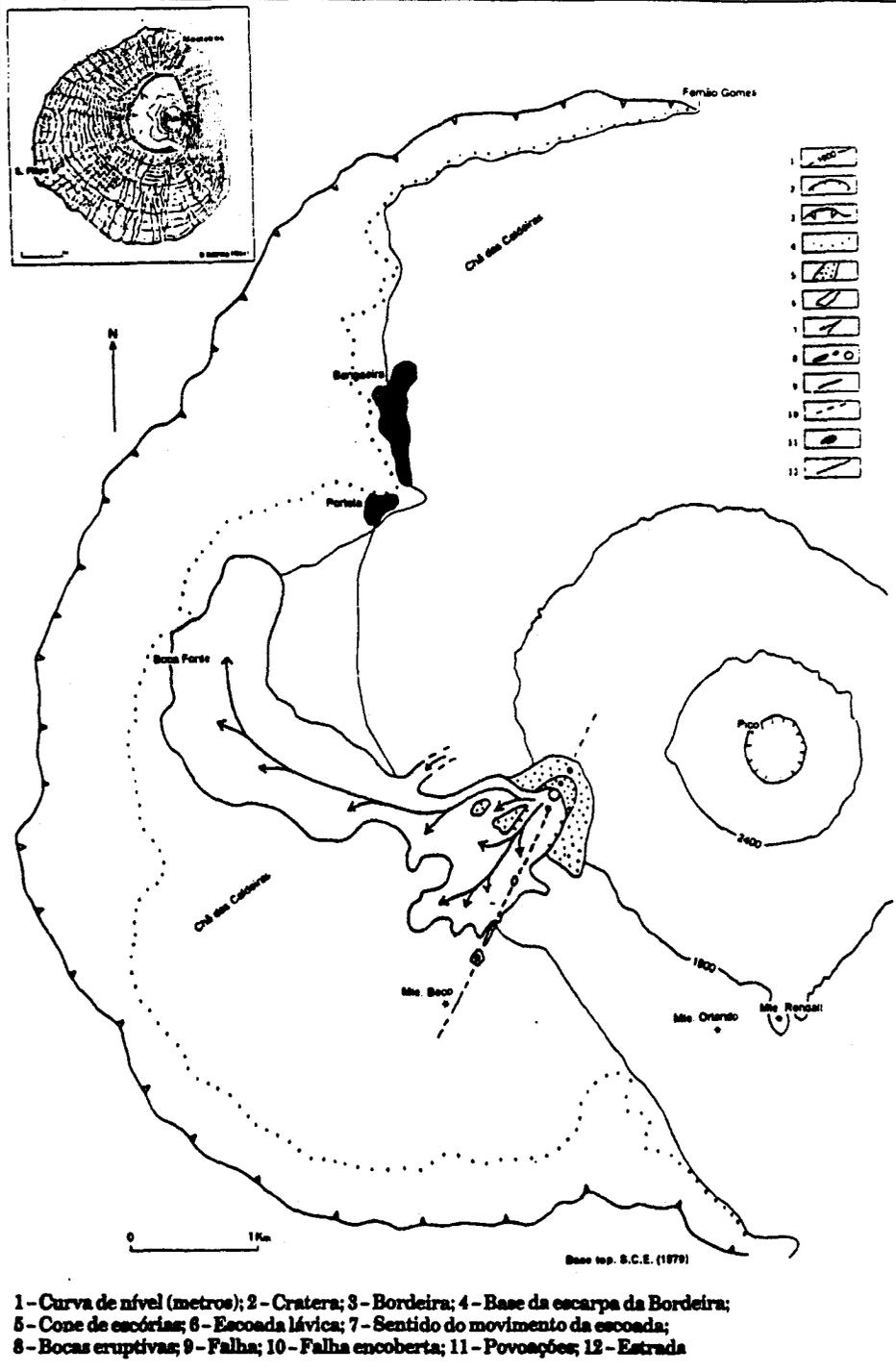
A ajuda foi enviada pelo Instituto de Cooperação do Ministério dos Negócios Estrangeiros português, que possui mais quatro toneladas de material pronto para envio. O Departamento dos Assuntos Humanitários da Organização das Nações Unidas (ONU) enviou também para Cabo Verde trinta toneladas de auxílio às vítimas da erupção do vulcão a bordo de dois aviões C-130 da Força Aérea belga, um dos quais era esperado ontem na Cidade da Praia e o segundo hoje.

A erupção provocou o deslocamento de cinco mil pessoas, segundo números referidos pelas autoridades cabo-verdianas e citados pela Lusa. A aldeia de Boca Fonte já foi coberta pela lava, mas não há vítimas pessoais até ao momento. Duas outras aldeias situadas em Chã das Caldeiras, Portela e Bangaieira, encontram-se ameaçadas pela lava e já foram evacuadas.

No início da erupção, o Governo cabo-verdiano solicitou formalmente às embaixadas acreditadas no país a disponibilização de meios para fazer face aos efeitos provocados pela catástrofe que atingiu a Ilha do Fogo. O apelo foi anunciado num comunicado do Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE) onde o Governo previa que o esforço nacional seria insuficiente para reparar os estragos causados pela erupção do vulcão do Pico, "considerando o número de

pessoas deslocadas temporariamente ou evacuadas definitivamente das áreas próximas do vulcão".

A Cruz Vermelha Portuguesa lançou um apelo para a sua "Operação Ilha do Fogo", pedindo donativos em géneros e dinheiro (que pode ser depositado na conta 08048502/001 do Banco Totta & Açores). As associações de cabo-verdianos residentes em Portugal, por seu lado, criaram uma Comissão de Solidariedade com o Pogo (tel/fax 01-757.81.24) que possui também uma conta onde recebe donativos (conta 73970024 da União de Bancos Portugueses, sediada na agência 202, da Praça de Londres, em Lisboa). ■



## ANGOLA

# Renascem as perspectivas de entendimento

EXPRESSO, 15 4 95

**GUSTAVO COSTA\***  
enviado ao Lobito

COM a chegada à capital angolana de uma delegação da UNITA chefiada por Jorge Valentim, a aprovação por Luanda do estatuto da futura missão das Nações Unidas em Angola (UNAVEM III) e a boa vontade de que estão a dar provas o MPLA e a UNITA permitem supor que o tão esperado encontro entre José Eduardo dos Santos e Jonas Savimbi possa efectivamente ter lugar antes do final deste mês.

Por outro lado, a disponibilização temporária da estratégica base aérea da Catumbela para centro logístico dos «capacetes azuis» da UNAVEM II deverá acelerar o envio dos primeiros contingentes da próxima missão da ONU, entre os quais um batalhão de transmissões de Portugal, que se encontra pronto a embarcar.

Esta mudança de atitude fica a dever-se ao «puxão de orelhas» dado por Butros-Butros Ghali, secretário-geral da ONU, que ameaçou as partes de cancelar o envio de tropas.

Na quarta-feira passada, o ambiente era ainda pessimista entre os militares britânicos encarregados de preparar as instalações da UNAVEM III. «Os 'capacetes azuis' não querem morrer em Angola por uma causa perdida nem servir como bolas de pinguepongue entre as partes em conflito», disse ao EXPRESSO um oficial da ONU.

No Lobito, principal base logística dos «capacetes azuis», onde deverão desem-

barcar em breve 500 militares britânicos, os oficiais da ONU acusam o Governo de não cumprir as suas promessas. «Prometeram-nos armazéns, instalações, terrenos para montar hospitais de campanha, tendas, e desde que estamos aqui temos que recorrer a particulares para conseguir água potável», disse ao EXPRESSO um dos recém-chegados.

A vinda dos «capacetes azuis» provocou um surto de euforia entre alguns sectores da população de Lobito e Benguela que vêem nestes «hóspedes» uma possibilidade de solução para os seus problemas. «Algumas pessoas julgam que vamos reabilitar as infra-estruturas da cidade; outras querem enriquecer à nossa custa, pedindo pelo aluguer de um armazém somas astronómicas que chegam a ultrapassar os 10 mil dólares mensais», lamentou-se o mesmo oficial.

O Governo e a UNITA parece terem compreendido que, desta vez, as coisas são mais sérias e pretendem corrigir a má impressão causada. Ambos estão a multiplicar esforços para convencer a comunidade internacional do desanuviamento da situação no terreno. «O clima ainda não é óptimo, mas com a ida de delegação governamental ao Bailundo e a troca de cartas entre Savimbi e o Presidente Eduardo dos Santos o processo ganhou outro fôlego», afirmou ao EXPRESSO Isaias Samakuva, chefe da delegação da UNITA na Comissão Conjunta (CC).

Para a UNAVEM, o maior problema militar situa-se nas zonas diamantíferas das

Lundas, onde a retirada e o aquartelamento das tropas chocam com uma «voraz apetência pelo garimpo». «Oficiais de um e outro lado não querem perder o controlo sobre vastas áreas diamantíferas cuja exploração selvagem constitui uma fonte de enriquecimento desenfreado para altas patentes da UNITA e do Governo», referiu um militar.

## Campanhas de boa vontade

Com a habilidade com que sempre soube conquistar a atenção dos «media», Savimbi aproveitou a reunião da CC no Bailundo e a presença de jornalistas de Luanda — autorizados pela primeira vez a visitar a «nova capital» da UNITA —, para os convidar a «difundir a sua mensagem de paz e reconciliação», referindo-se, perante a televisão estatal, ao Presidente dos Santos em termos extremamente deferentes e elogiosos. Estes «excessos» não foram do agrado dos meios oficiais de Luanda, que comentam que «quando a esmola é grande até o pobre desconfia». No entanto, diplomatas acreditados em Luanda julgam que Savimbi pretende iniciar uma campanha «civilizada» de remobilização do seu eleitorado na perspectiva da restauração da paz em Angola e da reinserção da UNITA na sociedade angolana como partido político.

José Eduardo dos Santos não quis ficar atrás. Sob forte pressão da comunidade internacional, começou por responder a Savimbi com uma carta «reconciliadora» na qual se

prontifica a encontrar-se com o líder da UNITA no prazo de duas semanas. O Presidente também «entrou em campanha», iniciando um novo ciclo de reuniões com as bases do MPLA que deverá incluir deslocações a várias províncias para relançar programas de forte impacto social.

Atento à jogada, Savimbi apressou o envio a Luanda de uma delegação encarregada de preparar a agenda do encontro entre os dois líderes e de passar em revista vários temas pendentes dos acordos de Lusaka, nomeadamente a participação da UNITA num futuro governo de unidade nacional.

Savimbi poderá, entretanto, iniciar uma digressão por vários países da região com o fim de «travar a tendência para o pessimismo e a desconfiança que se regista na comunidade internacional em relação ao processo de paz angolano».

«A nova estratégia política da UNITA — sublinhou um dos colaboradores directos de Savimbi — visa também despertar a nação para a necessidade de se pôr fim às gritantes diferenças de oportunidade entre a maioria negra e a minoria de mulatos e brancos, detentora do poder, que, não aprendendo a lição da África do Sul, quer fazer deste país um novo Brasil».

Esta tese, curiosamente, é partilhada por amplos sectores do MPLA, que, numa reunião recente, chegou à conclusão da necessidade de proceder a um «reequilíbrio» étnico e racial no seio do Partido e no poder. \*com NICOLE GUARDIOLA

## Confusão na África do Sul

# Winnie novamente afastada

PÚBLICO, 15.4.95

O PRESIDENTE da República da África do Sul, Nelson Mandela, voltou ontem a afastar do Governo a mulher de quem está separado, dois dias depois de Winnie haver sido reconduzida no cargo de vice-ministra das Artes, Cultura, Ciência e Tecnologia.

Pela segunda vez em três semanas, o septuagenário Mandela demitiu a controversa figura e substituiu-a por outra militante do ANC, Brigitte Mabandla, deputada e advogada especializada em direitos humanos.

Ao fazê-lo, o chefe do Estado escusou-se a especificar as razões da sua atitude, mas disse que julgava a substituição necessária, para bem do Governo e de todo o país.

Na segunda-feira, Winnie Mandela recorreu para o Supremo Tribunal do seu primeiro afastamento, alegando que o mesmo não fora feito de acordo com todos os requisitos constitucionais; designadamente, que o Presidente não ouvira para o efeito o chefe do Inkatha, um dos partidos representados no Governo de

Unidade Nacional.

Por isso mesmo, ele readmitiu-a temporariamente, cumpriu todas as formalidades necessárias... e voltou a despedi-la, com efeitos práticos a partir do próximo dia 18, passadas as festas da Páscoa.

O Congresso Nacional Africano (ANC), que o ano passado contou com mais de 62 por cento dos votos expressos nas primeiras eleições abertas a todos os cidadãos da África do Sul, disse ontem apoiar inequivocamente a decisão presidencial.

No entanto, é um facto que alguns quadros e parte das bases daquele movimento simpaticizam bastante com o populismo de Winnie, ao ponto de se admitir desde já que ela possa vir a liderar uma dissidência (Ver PÚBLICO de ontem).

Nelson Mandela agradeceu publicamente à mulher com quem se casou em 1958 os serviços prestados ao Governo, nos últimos 11 meses, e manifestou a esperança de que o afastamento «a ajude a reflectir e a melhorar a sua conduta em cargos de chefia».

Outro problema que o Presidente entretanto enfrenta é o da reindivicação feita pelo Inkatha de que haja mediação internacional quanto à nova Constituição. ■

Erupção prossegue na ilha do Fogo

# Um tremor forte e moderado

PÚBLICO, 15.4.95

Das nossas enviados: Isabel Salcema (em cima) e Daniel Rocha (abaixo) na ilha do Fogo.

**Segundo a equipa do US Geological Survey que se encontra no Fogo, o tremor vulcânico actual é entre moderado e forte. Se fosse muito forte, isso seria um sinal de que a erupção se poderia agravar. Assim, ninguém sabe de que forma a situação vai evoluir.**



Um dos vulcânicos, um jovem chamado Daniel, enquanto o seu irmão o vulcânico prossegue, a erupção

**A**s nove horas da manhã, Boca Fonte, a povoação com menos de uma dezena de casas que foi destruída pela lava em Chã das Caldeiras, na Ilha do Fogo, está deserta.

As 12h30, em Boca Fonte, ainda não havia qualquer sinal de equipas do US Geological Survey — a agência federal norte-americana responsável pela investigação geológica — que marcara um encontro com os habitantes da manilha em Chã das Caldeiras. Na vigília, ao lado do hotel Xaguaré, em São Filipe — uma cidade marcadamente estruturada colonial — Richard Moore, do US Geological Survey, vive-se quando marcamos uma hora precisa para o encontro, de tal modo que difíceis de garantir os carros e pranchas aos estudantes.

Moore explica que o núcleo líquido é como um autómato no interior da secção da lava, o nome técnico da manilha constante. Estradas de lava que descejam a paisagem da ilha do Fogo nas encostas históricas, formando autómato letivos. Desde o dia anterior, a ilha que se formou com origem no núcleo líquido erupção 20 metros, mas o resto da erupção "está muito lenta". Enquanto Richard Moore vai nojando, que identifica com um marulho em suas brancas roupas, que identifica com um marulho vermelho, o vulcanólogo Frank Trusdell, também do US Geological Survey, e Verónica Carneiro Martins, uma geóloga cabo-verdeana que fez o contacto na Universidade de Arizona, nos Estados Unidos, percorrem o terreno em largas passadas, num movimento que tem algo de absurdo.

Trusdell diz que a lava que desce da manilha na manilha do Fogo, envolve-se com um halo de lava vermelha uma pedra, que torna a colorir no chão. "Estamos a sentir um calor corrente está mesmo a morrer", continua a geóloga, que, neste momento, está a trabalhar na Embaixada dos Estados Unidos em Cabo Verde.

De facto, os pontos onde os três recolhem amostras ou que deixam amostras, conhecem com as línguas quase negras, que, por sua vez, mostram rochas incandescentes no seu interior. Trusdell dá mais 10 passos vigorosos. "Ali não é nocturno porque vai fazer mais tarde", diz, apontando para uma pequena elevação.

Chegam a Boca Fonte à 1h30 "Desculpem, os tremores transporem agora", diz Moore, ao mesmo tempo que recebe amostras na frente de lava, que, em alguns pontos, estinge uma altura de meio metro.

As rochas que seguem com as línguas têm uma cor negra e formam recónditas de uma língua que se destaca da manilha esquerda, e que se estende para a Boca Fonte, a par de 1000 metros de altura que fecha a Chã e os lados. "Estas rochas vêm de um núcleo líquido, que se move mais depressa do que o resto", explica Moore, virado para a esquerda do vulcão, que se funde ao longo da base da encosta do Pico Novo.

Moore explica que o núcleo líquido é como um autómato no interior da secção da lava, o nome técnico da manilha constante. Estradas de lava que descejam a paisagem da ilha do Fogo nas encostas históricas, formando autómato letivos. Desde o dia anterior, a ilha que se formou com origem no núcleo líquido erupção 20 metros, mas o resto da erupção "está muito lenta". Enquanto Richard Moore vai nojando, que identifica com um marulho em suas brancas roupas, que identifica com um marulho vermelho, o vulcanólogo Frank Trusdell, também do US Geological Survey, e Verónica Carneiro Martins, uma geóloga cabo-verdeana que fez o contacto na Universidade de Arizona, nos Estados Unidos, percorrem o terreno em largas passadas, num movimento que tem algo de absurdo.

Moore explica que o núcleo líquido é como um autómato no interior da secção da lava, o nome técnico da manilha constante. Estradas de lava que descejam a paisagem da ilha do Fogo nas encostas históricas, formando autómato letivos. Desde o dia anterior, a ilha que se formou com origem no núcleo líquido erupção 20 metros, mas o resto da erupção "está muito lenta". Enquanto Richard Moore vai nojando, que identifica com um marulho em suas brancas roupas, que identifica com um marulho vermelho, o vulcanólogo Frank Trusdell, também do US Geological Survey, e Verónica Carneiro Martins, uma geóloga cabo-verdeana que fez o contacto na Universidade de Arizona, nos Estados Unidos, percorrem o terreno em largas passadas, num movimento que tem algo de absurdo.

Moore explica que o núcleo líquido é como um autómato no interior da secção da lava, o nome técnico da manilha constante. Estradas de lava que descejam a paisagem da ilha do Fogo nas encostas históricas, formando autómato letivos. Desde o dia anterior, a ilha que se formou com origem no núcleo líquido erupção 20 metros, mas o resto da erupção "está muito lenta". Enquanto Richard Moore vai nojando, que identifica com um marulho em suas brancas roupas, que identifica com um marulho vermelho, o vulcanólogo Frank Trusdell, também do US Geological Survey, e Verónica Carneiro Martins, uma geóloga cabo-verdeana que fez o contacto na Universidade de Arizona, nos Estados Unidos, percorrem o terreno em largas passadas, num movimento que tem algo de absurdo.

Moore explica que o núcleo líquido é como um autómato no interior da secção da lava, o nome técnico da manilha constante. Estradas de lava que descejam a paisagem da ilha do Fogo nas encostas históricas, formando autómato letivos. Desde o dia anterior, a ilha que se formou com origem no núcleo líquido erupção 20 metros, mas o resto da erupção "está muito lenta". Enquanto Richard Moore vai nojando, que identifica com um marulho em suas brancas roupas, que identifica com um marulho vermelho, o vulcanólogo Frank Trusdell, também do US Geological Survey, e Verónica Carneiro Martins, uma geóloga cabo-verdeana que fez o contacto na Universidade de Arizona, nos Estados Unidos, percorrem o terreno em largas passadas, num movimento que tem algo de absurdo.

Moore explica que o núcleo líquido é como um autómato no interior da secção da lava, o nome técnico da manilha constante. Estradas de lava que descejam a paisagem da ilha do Fogo nas encostas históricas, formando autómato letivos. Desde o dia anterior, a ilha que se formou com origem no núcleo líquido erupção 20 metros, mas o resto da erupção "está muito lenta". Enquanto Richard Moore vai nojando, que identifica com um marulho em suas brancas roupas, que identifica com um marulho vermelho, o vulcanólogo Frank Trusdell, também do US Geological Survey, e Verónica Carneiro Martins, uma geóloga cabo-verdeana que fez o contacto na Universidade de Arizona, nos Estados Unidos, percorrem o terreno em largas passadas, num movimento que tem algo de absurdo.

Moore explica que o núcleo líquido é como um autómato no interior da secção da lava, o nome técnico da manilha constante. Estradas de lava que descejam a paisagem da ilha do Fogo nas encostas históricas, formando autómato letivos. Desde o dia anterior, a ilha que se formou com origem no núcleo líquido erupção 20 metros, mas o resto da erupção "está muito lenta". Enquanto Richard Moore vai nojando, que identifica com um marulho em suas brancas roupas, que identifica com um marulho vermelho, o vulcanólogo Frank Trusdell, também do US Geological Survey, e Verónica Carneiro Martins, uma geóloga cabo-verdeana que fez o contacto na Universidade de Arizona, nos Estados Unidos, percorrem o terreno em largas passadas, num movimento que tem algo de absurdo.

Moore explica que o núcleo líquido é como um autómato no interior da secção da lava, o nome técnico da manilha constante. Estradas de lava que descejam a paisagem da ilha do Fogo nas encostas históricas, formando autómato letivos. Desde o dia anterior, a ilha que se formou com origem no núcleo líquido erupção 20 metros, mas o resto da erupção "está muito lenta". Enquanto Richard Moore vai nojando, que identifica com um marulho em suas brancas roupas, que identifica com um marulho vermelho, o vulcanólogo Frank Trusdell, também do US Geological Survey, e Verónica Carneiro Martins, uma geóloga cabo-verdeana que fez o contacto na Universidade de Arizona, nos Estados Unidos, percorrem o terreno em largas passadas, num movimento que tem algo de absurdo.

Moore explica que o núcleo líquido é como um autómato no interior da secção da lava, o nome técnico da manilha constante. Estradas de lava que descejam a paisagem da ilha do Fogo nas encostas históricas, formando autómato letivos. Desde o dia anterior, a ilha que se formou com origem no núcleo líquido erupção 20 metros, mas o resto da erupção "está muito lenta". Enquanto Richard Moore vai nojando, que identifica com um marulho em suas brancas roupas, que identifica com um marulho vermelho, o vulcanólogo Frank Trusdell, também do US Geological Survey, e Verónica Carneiro Martins, uma geóloga cabo-verdeana que fez o contacto na Universidade de Arizona, nos Estados Unidos, percorrem o terreno em largas passadas, num movimento que tem algo de absurdo.

## Capacetes azuis em Maio

PÚBLICO, 15.4.95

O CONSELHO de Segurança das Nações Unidas iniciou quinta-feira à noite o Governo de Angola e a UNITA a criarem todas as condições para que os capacetes azuis possam efectivamente começar a chegar àquele país durante o mês de Maio.

Reunido sob a presidência do embaixador checo Karel Kovanda, o Conselho concordou com a

decisão do secretário-geral, Boutros Boutros-Ghali, de que prosseguam os preparativos para o envio das unidades de infantaria que vão integrar-se na terceira Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola (Unavem III). No entanto, manifestou-se preocupado por ainda haver ações e preparativos militares, tendo referido que a Força Aérea

Angolana atacou a pista do Aviação, utilizava pela UNITA, e que nem sempre os dois lados coliam incondicionalmente as suas instalações à disposição dos fiscais internacionais, para efeitos de fiscalização. O Conselho de Segurança insistiu na necessidade de uma reunião entre o Presidente José Eduardo dos Santos e o chefe da oposição, Jonas Malheiro Savimbi, para que diminua a desconfianga entre as duas partes e se dê novo impulso à consolidação

A tão desejada sessão de alto nível tem vindo a ser preparada em Luanda por delegações das duas partes, chefiadas respectivamente pelo ministro sem pasta Faustino Muteba e por Jorge Valentim, chefe do gabinete da UNITA encarregado da aplicação do Protocolo de Lusaka, que foi formalmente assinado em Novembro do ano passado. ■

que vamos a fazer este trabalho só para a produção e armazenamento destas pessoas", diz Moore, que, juntamente com Frank, faz parte do Volcano Disaster Assistance Program (algo como Programa de Assistência para Desastres Vulcânicos por Vulcões). "Trabalhamos principalmente na América Central e do Sul. Monitorizamos erupções, sempre que nos pedem", continua Moore.

Neste caso, o pedido veio do Governo de Cabo Verde e seguiu através da embaixada americana na Praia, na Ilha de Santa Rita. "O nosso principal objectivo é a assistência em casos de catástrofe", diz, por seu lado, Trusdell. E o resto do vulcão? "Estas são rochas muito pouco comuns. Nunca ninguém se sentiu de uma forma desenhada", diz Moore, fazendo rodar uma amostra de lava que tem na mão. "São alcalinas. Tem uma grande percentagem de óxido e potássio e um baixo teor de sílica", continua o vulcanólogo. Porquê? "Não se sabem as razões".

Também sabem o tremor que a lava que desce da manilha, através de um "hot spot" (ponto quente) que flui o interior de uma placa continental — mais precisamente o tropic atlântico da placa africana — seja tão diferente da de outro vulcão, formado também através de "hot spot", em que os dois trabalharam, no Havai. "Vais dizer que não é um hot spot?", pergunta Trusdell, que veste uma "vestid" cheia de pequenos vulcões, a Moore.

Verónica Carneiro Martins discute um pouco com os dois e avança, que essa é a teoria mais comumente aceita pela comunidade científica. As rochas, segundo os três, são ricas em ferro e de magnésio, sendo caracterizadas, fundamentalmente, por perovskitas e olivinas. As perovskitas têm o silício, magnésio, ferro e cálcio, e nas segundas, há cálcio e alumínio. Os dois brincar que, às vezes, o ferro é encontrado de lava quente, precisamente, porque a lava é rica em alumínio de ferro e cálcio. "É o mesmo que a que conhecemos, mas de lava quente", responde Trusdell, acrescentando que é sempre necessário fazer "são quando temos populações que insistem em viver em ilhas vulcânicas em actividade.

Moore interrompe a conversa para pedir a Verónica que avise um amigo que se dirige para Boca Fonte que "há pontos perigosos na frente de lava". "Aqueles que estão a marcar com as fitas vermelhas e que assinam o local dos rios subterrâneos de lava líquida Moore fica por momentos a olhar para Verónica que pergunta o estado, cheio de entusiasmo que vão a Pórcela, mas uma vez, bucar alguma coisa que tenham. ■

Asten, só é possível fazer uma classificação do tremor vulcânico numa escala qualitativa: fraco, moderado, forte. "É forte", avança Moore. "É um tremor vulcânico entre moderado e forte", corrige Trusdell, depois de os dois terem trocado opiniões. O que é que isso significa? "Significa que a erupção é vigorosa e que seria uma boa ideia ter um sismómetro permanente para fazer vigilância no local", responde Trusdell, acrescentando que é sempre necessário fazer "são quando temos populações que insistem em viver em ilhas vulcânicas em actividade.

Neste momento, não existe uma escala quantitativa com que possa medir o tremor vulcânico, porque não existem registos históricos de actividades de ter de ilha do Fogo. "Teríamos de ter de estado antes, para ver um ponto de referência", continua Trusdell, que também já fez um trabalho semelhante nas ilhas Martinhas.

Assim, só é possível fazer uma classificação do tremor vulcânico numa escala qualitativa: fraco, moderado, forte. "É forte", avança Moore. "É um tremor vulcânico entre moderado e forte", corrige Trusdell, depois de os dois terem trocado opiniões. O que é que isso significa? "Significa que a erupção é vigorosa e que seria uma boa ideia ter um sismómetro permanente para fazer vigilância no local", responde Trusdell, acrescentando que é sempre necessário fazer "são quando temos populações que insistem em viver em ilhas vulcânicas em actividade.

Manifestação da Organização dos Trabalhadores Moçambicanos

# Ex-sindicatos vermelhos mobilizam muito pouco em Moçambique

PÚBLICO, 16.4.95

José Pinto de Sá  
em Maputo

Por todo o país as bases exigiram a greve geral contra os salários de miséria e a carestia de vida, mas a central sindical moçambicana teimou em ficar-se por uma manifestação de protesto. A marcha saldou-se por um fiasco total e veio a confirmar a crescente inviabilidade do sindicalismo frelimista.

Ontem, em Maputo, a Organização dos Trabalhadores Moçambicanos (OTM) não conseguiu reunir mais de 250 pessoas para a sua "manifestação pacífica", na maioria quadros sindicalistas. O acontecimento passou totalmente despercebido na cidade, já que os organizadores optaram por um percurso de escassos 200 metros na zona suburbana da Praça de Toiros. Apesar do triunfalismo dos sindicatos, os maputenses ignoraram por completo os apelos da OTM e foi às igrejas que afluíram em grande número por uma soalheira manhã de sábado da Semana Santa.

A debilidade da organização foi, aliás, notória. A maior parte dos dísticos e bandeiras tinham sido obviamente recuperados de manifestações de tempos idos. Numa bandeira podia ler-se: "Trabalhadores e Povo unidos contra o terrorismo e pela paz".

A realização de marchas de protesto em simultâneo nas dez capitais provinciais foi anunciada apenas quatro dias antes, ao cabo de uma longa fase de concertação que as organizações laborais vêm mantendo desde que o Governo anunciou aumentos de sa-

LUIS VASCONCELOS



Os tempos estão maus para os trabalhadores moçambicanos

lários, a 27 de Fevereiro.

Os sindicatos, que tinham pedido um aumento de 100 por cento do salário mínimo nacional, apenas conseguiram obter 35 por cento. Assim, o salário mínimo passou a ser de 158.625 meticais (cerca de 3050 escudos) no comércio e na indústria e de 105.600 (cerca de 2030 escudos) na agro-pecuária.

O descontentamento criado pelo aumento do SMN, considerado desde logo insuficiente pelos sindicatos, agravou-se quando o diário "Imparcial" revelou que o salários dos ministros tinha aumentado 320 por cento na mesma ocasião.

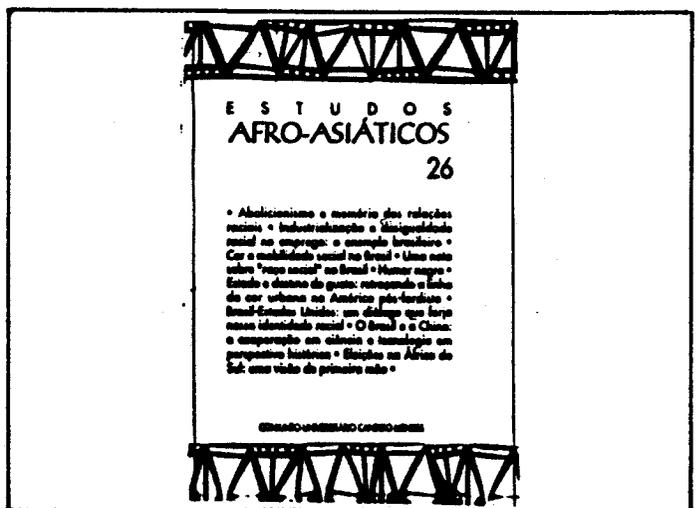
O aumento de 35 por cento foi de imediato rejeitado por todas as organizações laborais. Os treze sindicatos que integram a central única OTM e os três independentes logo iniciaram conversações, mas não chegaram a consenso sobre as medidas a tomar. Os três sindicatos independentes decidiram manter-se alheios à manifestação de ontem e nem sequer todos os membros da OTM alinharam. A Organização Nacional de Jornalistas recusou-se a seguir a central e os

sindicatos de professores e de enfermeiros não foram convidados. Os independentes consideram que a reivindicação salarial é insuficiente e que o Governo deve tomar medidas para conter o custo de vida.

Ao longo da concentração, a OTM foi pressionada pelas bases sindicais, que exigiam a realização de uma greve geral nacional, a primeira na história de Moçambique. A central, no entanto, rejeitou a ideia e optou pela manifestação nacional, que a sua porta-voz descreveu como "um dos passos que nos vão fazer crescer no sentido da greve geral", ca-

so o Governo não responda aos anseios dos trabalhadores". Madalena Zandamela explicou que a OTM pretende "não saltar as etapas da luta".

A OTM foi criada sob moldes comunistas em 1983, mas há cinco anos desvinculou-se oficialmente da Frelimo. Os sindicatos independentes acusam, no entanto, a central de fazer o jogo do Governo. O secretário-geral do Sindicato da Construção Civil, Madeira e Minas, Jeremias Timana, descreveu os membros da OTM como "sindicatos amarelos, financiados pelo Estado e empresários". ■



## SOCIEDADE

Desalojados e deslocados da ilha do Fogo à espera de realojamento do Governo

## Saudades de casa e medo do vulcão

PÚBLICO, 17.4.95

Dos nossos enviados  
Isabel Salema (textos)  
e Daniel Rocha (foto)  
na ilha do Fogo

Entre os desalojados da ilha do Fogo: seis retratos escolhidos ao acaso nas 54 tendas de acampamentos que as forças armadas de Cabo Verde ali instalaram, após a erupção vulcânica que começou no dia 2 de Abril.

Em São Filipe, a única cidade do Fogo, a pouca variedade dos apelidos dos 502 desalojados pela erupção do vulcão que vivem nas tendas montadas na pista do aeródromo é o sinal mais visível da consanguinidade dos habitantes da ilha. O apelido Montront conta a história de um francês que deixou muitos filhos com olhos verdes na

Chã. O apelido Fernandes, um dos sinais da colonização portuguesa.

Esta população rural, deslocada para os arredores de um centro urbano que permite o acesso a uma rede de distribuição de electricidade e de água, parece já não querer sair daqui. A noite cai e na tenda do comandante faz-se a distribuição dos mantimentos por cada família. As refeições irão em breve deixar de ser feitas na cozinha colectiva e cada família terá um pequeno fogão de campanha para cozinhar.

As luzes acendem-se dentro das tendas. Na tenda com o número 27, garrafas de "manecón", o vinho feito na Chã, são oferecidas aos que entram. É a hospitalidade de Domingos Fernandes Montront, "muito triste" e confuso com esta ideia de viver "no 27": "Gosto muito da minha casa em Chã das Caldeiras, onde não preciso de entender número."

Ávila Fernandes Montront tem rolos cor-de-rosa na cabeça e um imaculado vestido de rendas azul-claro. Tem 13 anos, nasceu em Chã das Caldeiras e sempre viveu na Bangueira. Chegou ao acampamento de São Filipe na terça-feira, com a mãe e dois irmãos. Em casa, lá na Chã, vai à escola na Portela, mas desde que as aulas começaram esta semana que Ávila, a quem a mãe chama Maria de Jesus,

não sabe quando vai sair daqui ou para onde irá a seguir.

A mãe de Ávila chama-se Eugénia Fernandes Montront e nasceu em Tinteira há 61 ou 62 anos, não sabe ao certo. Geninha, de avental cor-de-rosa, vestido, colar de contas e lenço na cabeça, prefere dizer que o marido está morto a admitir que não tem. Cultivava muitas coisas de campo na Chã, mas o melhor foi queimado pela lava: macieira, marmeleiro, feijão, batata inglesa, batata-doce, mandioca e videira.

Está triste porque o balanço do carro da tropa que trouxe as coisas de casa para São Filipe estragou a vitrina, a cama e os copos.

Geninha tem saudades dos animais que deixou na Bangueira. Mais do que a casa, mais do que tudo. Tem cabra, vaca, porco e galinha, que agora estão abandonados no curral. Quem vai lá alimentá-los, mas Geninha tem tido diarreia e tensão baixa por causa das saudades.

### Para onde o Governo decidir

Sente vontade de saber o que lhe vai acontecer, mas ainda ninguém lhe perguntou. Se lhe perguntarem, Geninha diria que gostava de ir morar on-

de estava antes, mas que já não tem coragem para isso. Então, primeiro, gostava de viver em São Filipe e, depois, onde o Governo decidir. Entre terreno e apartamento, gostava mais do apartamento, porque está isolado e já não sente forças para ir para o terreno.

Luciano é sobrinho de Geninha. Tem mulher, mas não é casado. Vive há três anos com Sónia Belita Montront, sua prima. Não têm filhos, porque Deus é que faz essas coisas. Foi baptizado na Igreja Católica, mas Luciano, ao contrário de Sónia, não tem igreja.

Tem a quarta classe e trabalhou sempre na agricultura, nuns terrenos que o pai lhe deu em Boca Fonte. Só o pai sabe o tamanho do terreno onde cultivava a mandioca, a videira, a macieira, o marmeleiro e o feijão, que agora estão debaixo da lava. Ninguém lhe perguntou nada sobre o que virá a seguir, mas Luciano e Sónia gostariam de viver em São Filipe e trabalhar como agricultores em Chã, se depois da erupção ainda sobrar o terreno que o pai tem na encosta.

Viriato Fernandes nasceu na Relva e foi para Chã com 14 anos. Agora tem 74. É casado e a mulher com quem vive teve 13 partos e 14 filhos, dois dos quais gémeos. Não, alguém corrige, três não são da sua senhora mas de uma menina. No acampamento, estão três com ele.

Os terrenos de Viriato em

Boca Fonte estão debaixo da lava: macieira, videira, feijão, mandioca, batatas e milho. Só sobrou a vaca. Viriato pode ficar mesmo ali a viver em São Filipe. Se achar terreno, pode trabalhar. Há muitos terrenos à volta de São Filipe que lhe podem dar trabalho. Viriato não gostaria de voltar para Chã, porque Chã sofre de água: os bombeiros é que a vão lá levar. Tem também muito medo do vulcão.

Júlio Fernandes vive na Portela, de onde trouxe alguns mantimentos e mobília. Trouxe feijão, milho, vinho, cama, mesa e cadeiras. Júlio tem 33 anos, é casado e tem nove filhos, que não são da mulher com quem é casado. Um terreno com batata e feijão está cheio de "djorra" — as cinzas —, mas salvo por agora da lava. O outro, na encosta, está longe e é onde cultivava uva, maçã e batata. Júlio quer ficar num apartamento em São Filipe, porque não há confiança para ficar no terreno.

Agricultor é o melhor trabalho para ele e Júlio sabe que os terrenos que deixou na Chã são mais valiosos do que os de São Filipe. Uma quarta custa cento e tal contos cabo-verdianos. Lá, dá uva e fruta, em São Filipe, parece que o feijão e o milho são o melhor. Mas Júlio pode fazer qualquer tipo de trabalho simples, como lavar chão, mas não de arte, como carpinteiro.

Domingos Fernandes Montront é sobrinho de Geninha Montront e bisneto do francês.

Soiteiro, é da sua mulher e prima, Maria Socorro Fernandes, que tem cinco filhos. Maria Socorro está grávida. Chama-se Domingos mas o seu nome de casa é Ramiro e está muito triste porque não está na sua zona, donde saiu há seis, vai para sete, dias.

Tinha uma vida muito melhor em Chã das Caldeiras, onde começou a fazer uma casa de mil e tal blocos. Blocos feitos de lava, areia e cimento. Morava na Chã, agora não sabe onde é que mora. Tinha milho, feijão, mandioca, maçã, romã, figueira e mais coisas, hortaliças até. A maior parte está debaixo da lava. Sobram duas vacas, três cabras, seis galinhas, dois porcos e um burro, que também é bicho.

Em primeiro lugar, depois, gostava de viver em Chã das Caldeiras. Se não tiver morada em São Filipe, irá para lá e morrerá na Chã. É camponês, agricultor, só com a quarta classe. Mas em São Filipe tem água para os seus bebés e tem trabalho, mesmo se for pouco, para criar os filhos. Pode ser pedreiro, carregador de sacos, lavador de carro ou fazer limpezas. Basta poder trabalhar, para ganhar dinheiro.

Confuso, Ramiro não sabe se irá mais à Chã, só por causa do vulcão. Se o Governo lhe der casa, pronto, mas se não der, fica muito triste. O que não quer é ficar naquela casa, que tem o número 27, no mês das chuvas. Com ele estão outras 14 pessoas da Chã.

## Quase mil sem saberem para onde ir

OS QUATRO acampamentos montados pelas forças armadas de Cabo Verde para acolher os desalojados pela erupção da ilha do Fogo distribuem-se por São Filipe, Patim, Achada Furna e Mosteiros. Estamos no final da tarde e o primeiro-tenente Eloy Fernandes explica o mapa de trabalho que tem à frente, na tenda de comando do campo de São Filipe, instalado num aeródromo desactivado.

O mapa e respectiva legenda mostram que há 54 tendas-dormitório na cidade de São Filipe, mais 14 para armazéns e para o pessoal militar. Ali estão 502 pessoas desalojadas de Chã das Caldeiras, a única zona que já foi atingida pela lava na ilha do Fogo. Em Patim, as tendas são oito e acolhem 162 pessoas, enquanto em Achada Furna há o mesmo número para 156 pessoas. Mosteiros, por seu lado, recebeu 26 tendas para 76 pessoas.

No total, aponta o primeiro-tenente, há 972 desalojados e deslocados nos quatro acampamentos.

Um número muito diferente dos cinco mil que foram referidos por várias vezes nos últimos dias. Como explica Eloy Fernandes, em Achada Furna e Patim estão apenas o que o comando chama "deslocados". Pessoas de Tinteira, Estância Roque, Cabeça Fundão, Monte Mendes e Rachá Formosa. "São zonas periféricas a sul de Chã das Caldeiras", explica o oficial. Estarão em perigo, apenas, se a lava sair da Chã e descer a encosta.

Há mais deslocados na zona periférica a sul porque, embora a situação em relação à lava seja idêntica a norte, "estas pessoas sofreram em 1961, na última erupção". "Por isso, ficou o pânico, principalmente entre os idosos."

Um dia antes, nas mãos do ministro do Trabalho, Juventude e Promoção Social, José António Reis, os números dos desalojados e deslocados variavam ligeiramente. Em São Filipe, haviam menos onze pessoas, em Mosteiros, menos duas, em Achada Furna mais

70 e em Patim o número seria alterado.

José António Reis diz também que é necessário fazer uma distinção entre "desalojados" e "deslocados" e que os números parecem estar a aumentar de dia para dia.

Em São Filipe, Eloy Fernandes fala de situações quotidianas e lembra que há ainda que contar com as pessoas que estão alojadas em casa de populares. "É normal que as pessoas, nos próximos dias, saiam das casas para os acampamentos", diz o ministro.

"É preciso lembrarmo-nos que as pessoas de Chã das Caldeiras são populações rurais. Não se pode transformar populações rurais em populações urbanas", diz, em Mosteiros, no dia anterior: à visita do ministro da Trabalho, Ondina Ferreira, que tem o pelouro, no Governo, da Educação e do Desporto.

O ministro do Trabalho diz que não sabe se as pessoas irão viver em bairros, se serão integradas em áreas rurais ou na cidade de São Filipe.

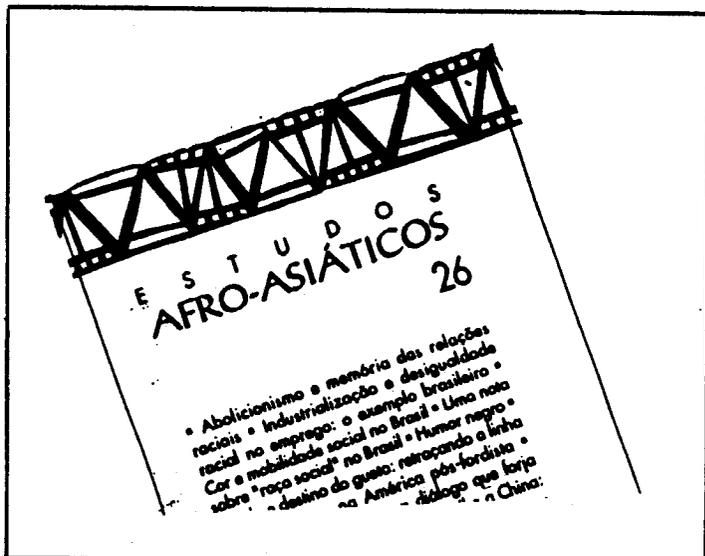
Anteontem, partia para o acampamento de São Filipe, levando um inquérito na mão. Lis-se no cabeçalho das páginas: "Inquérito sobre a situação das famílias deslocadas na ilha do Fogo — Chã das Caldeiras". "Onde gostaria de ser realojado? Deseja ter um terreno separado ou morar em bloco habitacional?", pergunta o inquérito na alínea dedicada às aspirações e expectativas de compensação de perdas.

Na aldeia de Rosmandas, a caminho de São Filipe, onde vivem os desalojados pela erupção de 1961, Isidoro Fernandes dizia no mesmo dia que o vulcão também afectou o seu bairro, onde muita gente, neste momento, só toma o café da manhã: "Na ilha, todos pedem com o vulcão. Todos são desalojados". Isidoro, que esteve sem trabalhar até ao dia 13 de Abril porque a câmara mandou parar as obras na estrada, quer saber quem lhe vai dar o dinheiro que perdeu. Quem lhe vai pagar os 216 escudos diários que deixou de receber nas obras públicas? e L.A.

## Cinco mortos no Natal

CINCO pessoas morreram ontem na província sul-africana do Kwazulu-Natal quando um grupo de homens armados com espingardas automáticas disparou sobre várias casas pertencentes a um albergue de operários. Um porta-voz da polícia não conseguiu explicar o ataque contra o albergue de Blebelands, conhecido há anos como um centro de grande violência política. A província do Kwazulu-Natal foi palco de numerosos episódios de violência política durante o período que antecedeu as primeiras eleições democráticas realizadas no país, em Abril de 1994. Entretanto, Winnie Mandela, separada do marido, o Presidente Nelson Mandela, desde 1992, anunciou ontem, num comunicado emitido em Joanesburgo, renunciar ao cargo de vice-ministro das Artes, da Cultura e das Ciências. O anúncio ocorreu três dias depois de Winnie ter sido afastada, pela segunda vez num mês, do mesmo cargo. ■

PÚBLICO, 18.4.95



# O silêncio é de ouro

PÚBLICO, 18.4.95

SUSPENSOS do anúncio formal do encontro entre os presidentes de Angola e da UNITA, observadores e diplomatas vão-se entretendo com os sinais que apontam — quase sempre para breve — para a mais esperada das cimeiras angolanas.

Ainda ontem o representante da ONU em Angola, Alioune Blondin Beye, citado pela AFP, interpretava a deslocação do líder da UNITA, Jonas Savimbi, a Gbadolite, no Zaire, como traduzindo uma "mudança do estado de espírito" fundamental e, por assim dizer, preparatória do encontro com o Presidente José Eduardo dos Santos.

"Savimbi saiu da sua lógica de internamento. A próxima etapa será o seu encontro com o Presidente dos Santos", disse o mediador responsável pelos acordos de paz assinados pelos beligerantes angolanos no dia 20 de No-

vembro.

Segundo o diplomata maliano, a data e o lugar da cimeira, a primeira desde o recomeço da guerra civil, em Outubro de 1992, já estão marcadas mas devem permanecer secretas "até que os dois homens se sentem frente a frente na mesma sala".

A presença de Jonas Savimbi em Gbadolite — onde os dois líderes já se encontraram uma vez, em 22 de Junho de 1989, onde então acertaram um cessar-fogo que teria pouco tempo de vida — motiva, desde o dia 12, quando o chefe da UNITA aí chegou, especulações sobre a iminência da reunião.

A proximidade do acontecimento é tanto maior quanto diminuiu a implantação da força da UNITA no território, dos 70 por cento que ocupava há um ano para os 15 por cento que ho-

je detém, e da "impossibilidade", segundo Beye, de uma vitória militar da oposição armada angolana.

"Durante muito tempo, Savimbi viveu no mato, inteiramente afastado do mundo e rodeado de cortesãos que lhe escondiam a realidade, repetindo-lhe todos os dias que ele era o maior, o mais forte. Esse tempo acabou. Savimbi sabe que jamais ganhará a guerra", disse Blondin Beye.

Segundo o mediador, desde o dia 22 de Novembro, data do início do cessar-fogo, que não há combates em Angola, a primeira fase do processo está cumprida, as forças antagonistas colocaram-se a uma distância respeitável uma da outra, ainda que em alguns casos essa distância não seja superior a 50 metros, restando por resolver problemas de logística, principalmente de comunicações.

Segue-se agora a segunda fase, que deve começar no princípio de Maio, com a chegada progressiva de 7600 capacetes azuis encarregados de verificar o acantonamento e, depois, o desarmamento dos cerca de 60 mil soldados da UNITA, que serão depois reintegrados no exército nacional, de 100 mil homens.

Vinte e sete alcançaram já Lobito. São britânicos e chegaram no domingo ao grande porto da provincia de Benguela. A recepção no entanto não foi boa: menos de duas horas depois de terem desembarcado, um soldado governamental, aparentemente bêbado, segundo explicou depois à Reuters, um porta-voz do Exército angolano, disparou contra os recém-chegados, sem no entanto ferir qualquer deles. ■

## Novo Partido em Moçambique

JORNAL DE ANGOLA, 18.4.95

**Um grupo de jovens, alguns dos quais estudaram nos países ex-socialistas, anunciaram a criação do Partido Comunista de Moçambique (PACOMO). Trata-se da primeira formação política moçambicana a situar-se claramente à esquerda do partido governamental, Frelimo, que em 1969 abandonou o socialismo,**

**transformando-se numa força de cariz socia-democrata.**

**S**EGUNDO disse à TV moçambicana Almeida Tesoura, um dos dirigentes do novo partido, que reivindica 643 militantes, o Pacomo inspira-se nos documentos aprovados pelo 3.º Congresso da Frelimo, em 1977, em que o movimento de libertação adoptou como ideologia oficial o Marxismo-Leninismo.

O novo partido defende os "aspectos positivos" do "regime comunista" introduzido pela Frelimo em

Moçambique depois da independência, nomeadamente nos campos da educação e saúde.

O Pacomo afirma-se como um partido "moderado", mas é hostil à "privatização selvagem" em curso e advoga um controlo do Estado sobre a economia.

Os jovens dirigentes do Pacomo lembram com saudade os tempos em que havia segurança em Moçambique e em que um jovem graduado não era abandonado à sua sorte, como aconteceu com muitos dos antigos estudantes moçambicanos formados nos países ex-socialistas

que regressaram nos últimos anos ao seu país para o desemprego.

Almeida Tesoura negou que o novo partido pretenda copiar os modelos comunistas da Coreia do Norte, China ou Cuba, mas sim um comunismo de acordo com as realidades de Moçambique.

Tesoura disse também que os dirigentes do Pacomo, que pretende vir a concorrer as próximas eleições legislativas, previstas para 1999, contactaram as embaixadas daqueles países socialistas e encontraram-se com o secretário-geral da Frelimo, Feliciano Gundana.

## Justiça lusófona em Maputo

PÚBLICO, 19.4.95

O MINISTRO da Justiça de Moçambique, José Abudo, pediu a Portugal apoio financeiro para a realização da conferência ministerial sobre Justiça dos países de língua oficial portuguesa, prevista para o segundo semestre do próximo ano, em Maputo. Trata-se da V Conferência dos Ministros da Justiça dos sete países que usam o português como língua oficial e caberá a Moçambique realizá-la no próximo ano. O objectivo que presidiu à sua institucionalização é, segundo o ministro português, caminhar-se para "uma casa jurídica comum", ou seja, um fórum de debate entre os países que têm a mesma raiz do Direito. Depois de Portugal, o encontro foi já efectuado em S. Tomé e Príncipe, Brasil e Cabo Verde. ■

## Cimeira angolana

PÚBLICO, 19.4.95

OS PRESIDENTES de Angola e da UNITA, José Eduardo dos Santos e Jonas Savimbi, deverão encontrar-se antes do fim do mês em Lusaca, Zâmbia, admitiu ontem o secretário-geral da oposição armada angolana, Lukamba Paulo Gato, contactado telefonicamente pela TSF. Savimbi deixou entender sexta-feira, em Gbadolite, Zaire, onde se encontra desde o dia 12, a possibilidade de se reunir com Eduardo dos Santos antes do início de Maio. E o representante do secretário-geral da ONU, Alioune Blondin Beye, disse entretanto à AFP que a data já está marcada, só falta mesmo o encontro. Entretanto a UNITA acusou ontem o Exército governamental de preparar uma ofensiva contra o Baiundo, no centro de Angola, operação que já denunciou à Missão de Verificação da ONU em Angola. ■

# Onde está o Cabo Verde real?

NOVO JORNAL, 19.4.95

MEDITANDO, neste momento, sobre a nossa realidade, não pude evitar que pelo pelo écran do meu cérebro passasse, em abstracto e em concreto, uma série de figuras e factos que modelam a mesma realidade.

Lembrei-me, em concreto, de um sem número de patriotas que conceberam a UCID e têm feito esforços e sacrifícios para o seu triunfo, perspectivados no bem da nossa terra. Lembrei-me, em concreto e em abstracto, de um sem número de indivíduos que nunca deram, lá fora, o seu contributo à UCID, embora fossem simpatizantes da causa e daqueles que sempre deram luta à UCID ou que, dentro da UCID, sempre deram a colaboração mais negativa.

Mas, em concreto e em abstracto, ficou-me este povo sofredor, que, no dia-a-dia, vai fazendo o possível e o impossível, para sobreviver.

Naturalmente, o centro da minha atenção deixou-se tomar pela situação económico-financeira deste país. Grassa o desemprego, campeia um salário de milagre. Família numerosa, vivendo da esperança do dia de amanhã.

Se analisarmos os políticos, do lado do poder, tudo vai bem e há necessidade de mais legislação para colmar a grande obra que foi feita: do lado da oposição, todos prometeram mais e melhor, mas nenhum indica como vai conseguir esse milagre.

Do meu lado, há uma única verdade. Tudo está errado, desde sempre.

O erro é estrutural, de natureza

profunda. Importamos tudo: milho, arroz, feijão, peixe, água, decretos-leis, modelos de autarquias, modelos de cidade, modelos de países, etc.

Nesta confusão de importações, será que no grande armazém da incompetência seremos capazes de encontrar o Cabo Verde real? O Cabo Verde importado é um monstro de proporções tão disformes que, sem querer, vai pisando o Cabo Verde real deformando-o, para gerar possivelmente um monstro inacabado. Todos querem ser actor nesta tragédia.

A UCID, também é actor. Só que condena essas importações todas e defende o Cabo Verde que era. Pequeno, no meio do mar, de coração grande. Leia-se — coração forte. Também, não vejam nisso a negação da independência. Esse fantasma deixou de nos perseguir há vinte anos.

Deixemos, pois, caros grandes arquitectos de um Cabo Verde grande, de má brincadeira, e, sem a vaidade da rana rupa, vamos medir e cortar dentro das nossas reais possibilidades.

Quando se diz que se controlou a inflação ou que foi reduzida ao valor Y, mente-se. Quando se diz que há investimentos deste ou daquele montante, mente-se. Quando se promete o que quer que seja, mente-se. Um simples análise do nosso Orçamento do Estado diz isso da forma mais franca.

Nós gostamos de investimentos de estrangeiros tanto quanto qualquer mortal necessitado.

Mas, enquanto apontamos para a lua, olhemos também á nossa

*Quando se diz que se controlou a inflação ou que foi reduzida ao valor Y, mente-se. Quando se diz que há investimentos deste ou daquele montante, mente-se. Quando se promete o que quer que seja, mente-se. Um simples análise do nosso Orçamento do Estado diz isso da forma mais franca.*

volta. Turismo, nossos emigrantes, peias alfandegárias, onerosidade excessiva dos impostos, valor real da nossa moeda, são factores importantes da nossa realidade que devem ocupar um lugar cimeiro na nossa busca de saídas. Saibam que a privatização não era a via mais conveniente, no nosso contexto e que, como a descentralização, no grau em que está, foi precipitada.

Todo e qualquer exercício intelectual sobre a nossa economia que despreze essas realidades, corresponde à defesa de uma tese tão impossível como construir edifícios a partir do tecto. Temos que tender para o pleno emprego, melhorar as condições de vida das famílias, dar melhor saúde e edu-

cação diversificada e conforme com os possíveis mercados de trabalho, o que não pode ficar à mercê das doações externas e empréstimos que vão afogar as gerações futuras.

Há que repôr o sentido de responsabilidade, fazendo funcionar as instituições, designadamente os tribunais criminais, para pôr cobro à corrupção e à leveza de comportamento na gestão da coisa pública.

Há que avaliar cada cabo-verdiano pelo grau da sua aptidão e não pela sua cor política ou grau de sub-serviência.

Há, enfim, que dar ao Estado de Cabo Verde e a dimensão de Estado e não de empresa privada, com acesso limitado a certos grupos.

Celso Ramos Celestino

## Angola à beira da falência técnica

PÚBLICO, 20.4.95

O MINISTRO da Economia e Finanças de Angola, Augusto Tomás, reconheceu ontem em Luanda que o seu país se encontra à beira da "falência técnica". Augusto Tomás, que falava perante os deputados da Assembleia Nacional a quem apresentou o Programa Económico e Social (PES) para o bienio 1995-96, advogou a necessidade de "tomar medidas corajosas, muitas delas radicais", pois, quando se chega àquela situação, está em causa a sobrevivência do próprio país. Um relatório sobre a actividade económica e

financeira do Governo em 1994 diz que a situação é de "crise e imoralidade crescente" e indica que a estabilidade social é hoje uma incógnita, tendo em conta a miséria generalizada da população. Foi a primeira vez que o Governo angolano respondeu pela sua acção perante o Parlamento, onde o MPL conta com a maioria. O ministro Augusto Tomás, até há pouco tempo a exercer as funções de governador de Cabinda, escolheu para seu assessor principal o ex-ministro português das Finanças Ernani Lopes. ■

## Notícias Africanas

NOTÍCIAS AFRICANAS é uma publicação do CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS, do Conjunto Universitário Candido Mendes. Edição: Equipe do Programa de Estudos Africanos (Beluce Bellucci, Edson Borges, José Maria Nunes Pereira, Marcelo Bittencourt e Roquinaldo Amaral Ferreira). Apoio: Fundação Ford. Produção Gráfica: Hamilton Magalhães Neto (coordenação); Williams Neto (arte-final); Gicélia da Conceição e Sônia Maria (composição). Assinatura, correspondência e pedido de números atrasados devem ser encaminhados à (Subscriptions, correspondence and request for back issues made payable and addressed to): Sociedade Brasileira de Instrução - Centro de Estudos Afro-Asiáticos - Rua da Assembleia, 10, Conjunto 501 - CEP 20119-900, Rio de Janeiro - RJ - Brasil - Tel. (021) 531-2000/R. 259 e 531-2636, Fax (021) 531-2155. - Assinatura anual (em dólar comercial): Instituições internacionais: US\$ 250.00; nacionais: US\$ 200.00; Pesquisadores: US\$ 100.00. WE ASK FOR EXCHANGE.



I M P R E S S O